

O MONUMENTO MEGALÍTICO DA PALHOTA

(SANTIAGO DO CACÉM)

Por **Joaquina Soares**

e

Carlos Tavares da Silva

O monumento megalítico da Palhota situa-se na freguesia de S. Francisco da Serra, concelho de Santiago do Cacém, a cerca de 300 metros para E.S.E. do monte da Palhota, sobre um pequeno esporão da margem direita da ribeira da Cascalheira (fig. 1) e no quadrado de 100 m. x 100 m. definido pelas coordenadas

$$X = 148 \ 0$$

$$Y = 126 \ 8$$

do Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa (1).

Ocupa uma zona plana (cota de 80 m), a poucos metros, para Norte, do bordo da íngreme vertente do vale da referida ribeira, vertente que vence um desnível de cerca de 50 metros (fig. 2).

Assenta sobre terrenos arenosos do plio-pleistoceno que se estendem para Oeste, por uns 6 Km, até ao mar, e para Norte, interrompidos aqui e ali por afloramentos de margas do Infraliássico que repousam sobre «grés de Silves» do Triássico superior, de calcários dolomíticos e de doleritos (Cabeço da Guarita). A Este avolumam-se os contrafortes da Serra de Grândola formados por xistos e grauvaques do Carbonífero. Finalmente, a Sul, ultrapassado o amplo e profundo vale da ribeira da Cascalheira, de novo formações do Jurássico com afloramentos calcários (antiga pedreira da Salema).

No local do monumento cresce o sobreiro (*Quercus Suber*); nas proximidades desenvolve-se o Pinheiro manso (***Pinus Pinea***).

A área geográfica na qual se integra o monumento da Palhota, sulcada por cursos

(1) **Utilização da Quadrícula Militar Portuguesa na elaboração de estatísticas com base cartográfica**, Comissão de Planeamento da Região de Lisboa, Lisboa, 1975.
Carta Militar de Portugal, folha 505 (S.^{to} André), Esc. 1:25 000, Serviços Cartográficos do Exército, 1944.

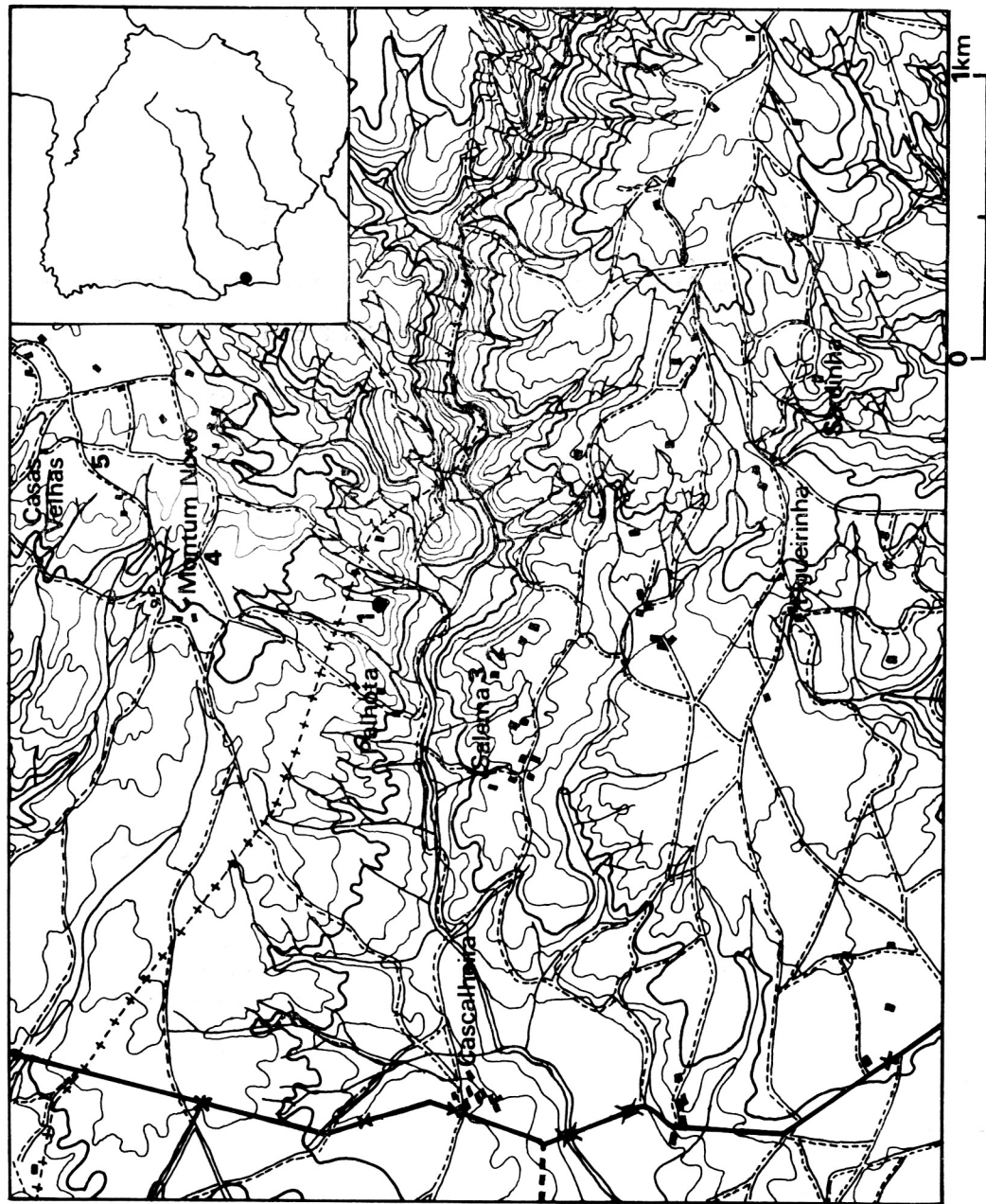


Fig. 1 — Localização do monumento da Palhota na carta de 1 : 25 000 e na Península Ibérica e ambiente arqueológico, 1 — Palhota; 2 — Povoado neolítico da Salama; 3 — Pedreira da Salama (monumento funerário destruído); 4 — Pedra Branca; 5 — Necrópole da Idade do Bronze de Casas Velhas.

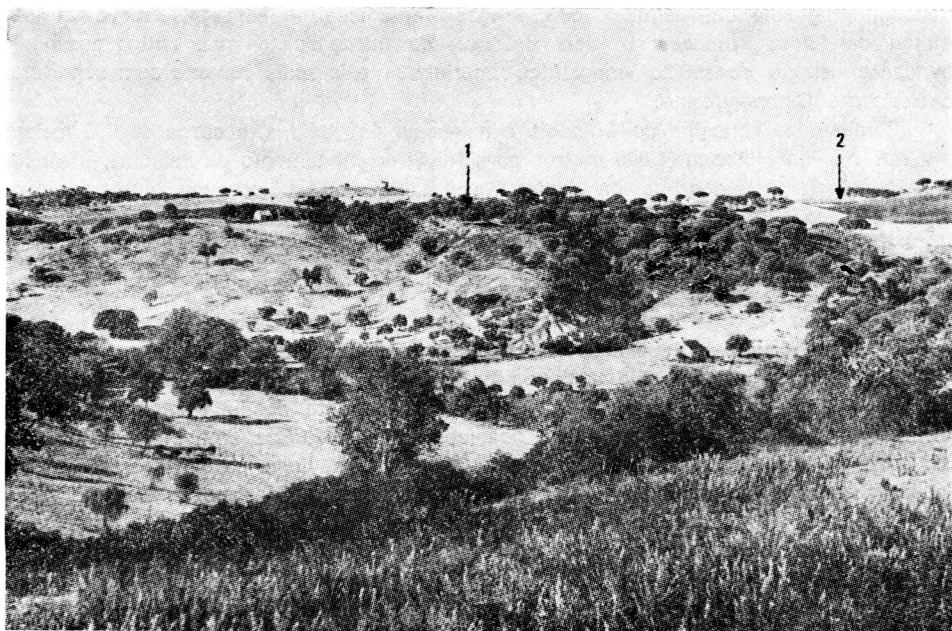


Fig. 2 — O local do monumento da Palhota (1) visto do povoado neolítico da Salema. Em 2 situa-se o monumento da Pedra Branca.

de água de que se destacam as ribeiras de Melides e da Cascalheira, com férteis terrenos de cultivo e abundância de silex nas formações do Mesozoico, é igualmente rica de um ponto de vista arqueológico (fig. 1). A Sul, do outro lado do vale, na Salema, sobre uma zona plana ladeada por duas elevações, localiza-se um povoado Neolítico de tradição antiga⁽²⁾ que forneceu, por prospecções de superfície, cerâmica com decoração impressa não cardial.

Ainda na Salema, na zona da antiga pedreira, descobriu-se e destruiu-se em 1961, aquando dos trabalhos de extracção de pedra, um monumento funerário utilizado durante o Calcolítico. Recuperaram-se dois ídolos cilíndricos de mármore branco, um liso e outro decorado por um par de olhos e por dois pares de linhas paralelas em ziguezague⁽³⁾.

A cerca de 700 metros para Norte do monumento da Palhota, já no concelho de

(2) Estação identificada pelos autores em Novembro de 1974, no âmbito da actividade do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines. — Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, «Neolítico da Área de Sines. Pesquisas de 1974/75», comunicação apresentada ao II Colóquio Arqueológico de Setúbal, 7 a 9 de Novembro de 1975.

(3) Maria José Almagro Gorbea, 1973, *Los ídolos del Bronce I Hispano*, Bibliotheca Prehistorica Hispana, XII, Madrid, pp. 110 e 130, Lam. XIII, 2.
Os dois exemplares fazem parte das colecções do Museu Municipal de Santiago do Cacém.

Grândola (freguesia de Melides), os Serviços Geológicos de Portugal escavaram (4) o dolmen da Pedra Branca, com dois estratos de utilização, o mais antigo possuindo abundante espólio de feição «megalítico-almeriense» e o mais recente com sepulturas do Horizonte Campaniforme.

Também no concelho de Grândola e freguesia de Melides, a cerca de 500 metros para N.E. da Pedra Branca (1 000 metros para N.NE. do monumento da Palhota), o Museu de Arqueologia e Etnografia da Junta Distrital de Setúbal escavou a necrópole do Bronze do Sudoeste de Casas Velhas, constituída por cistas sem recintos tumulares (5).

ESCAVAÇÃO

A descoberta e a escavação (6) do monumento megalítico da Palhota resultaram da actividade de pesquisa que o Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines tem vindo a desenvolver sistematicamente desde 1972 com o fim de salvar para a Ciência o maior número possível de testemunhos arqueológicos situados em zonas que poderão ser atingidas pelos trabalhos públicos promovidos por aquele Gabinete no concelho de Sines e em parte do concelho de Santiago do Cacém.

Aquando da descoberta observou-se à superfície de um montículo nitidamente artificial a presença de abundantes blocos de calcário, bem como o afloramento de parte dos esteios **b**, **h** e **i**.

A escavação foi efectuada não só na sepultura propriamente dita, mas em toda a área do monumento, abrangendo, por conseguinte, o **tumulus**.

Demarcou-se, previamente, um quadrado com 20 metros de lado, que foi dividido em quatro sectores a partir do estabelecimento de dois eixos ortogonais orientados segundo as direcções N.S. (eixo dos YY) e E. — W. (eixos dos XX) e cujo ponto de intersecção (**ponto O**) ficou localizado no presumível centro da câmara funerária; os sectores foram quadriculados em unidades de 1 m².

Ao ponto de cota mais elevada, situado no afloramento do esteio **b**, deu-se a cota convencional de 0,00 m.

Retirada a camada superficial (C.1) com a espessura de 0,30 m e formada por areia castanho-amarelada (10 Y R 4/4) (7) quando húmida e amarelo-acinzentada clara (10 YR 6/4) quando seca, ficou a descoberto a estrutura essencial do monumento, quer da câmara e corredor, quer do **tumulus** (8).

A escavação prosseguiu, retirando-se a **C.2**. Esta foi dividida artificialmente em sub-camadas de 0,05 m de espessura. Na câmara e no corredor esta camada corres-

(4) O. da Veiga Ferreira, e al., 1975

(5) Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, «Aspectos Gerais do Bronze do Sudoeste da região de Sines», comunicação ao II Colóquio Arqueológico de Setúbal, 7 a 9 de Novembro de 1975.

(6) Participaram na escavação, além dos autores, os trabalhadores do G. T. A. Srs. Amândio dos Reis Sobral, Custódio Pereira (falecido), Valentim Francisco Pinela e Ventura José Pereira; contou-se ainda com a colaboração de Antónia Coelho-Soares e de Jorge Costa, ambos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

(7) **Rock-Color Chart**, The Geological Society of America, Boulder, Colorado, 1970.

(8) A escavação começou pelos sectores NW. e SE., estendendo-se, depois, aos dois restantes. Deixou-se até ao fim um testemunho em cruz com 0,50 m de largura.



Fig. 4 — Aspecto do tumulus visto de NW., com a **segunda coroa de blocos** (1), a **primeira coroa** (2) e a **cintura de pedras** (3) encostada aos esteios da câmara.

pondia às tumulações; era constituída, numa espessura de 0,15 m, por areia argilosa castanho-avermelhada escura (10 R 3/6), quando húmida e castanho-avermelhada mais clara (10 R 5/6), quando seca. No exterior, na área do **tumulus**, apresentava-se formada igualmente por areia argilosa, da mesma cor, mas muito mais compacta do que a da câmara e corredor.

A **C.3** é de areia castanha (5 Y R 4/6) quando húmida e castanho-amarelada clara (5 YR 6/6) quando seca e apresenta-se arqueologicamente estéril. Faz parte do complexo geológico subjacente. As terras removidas foram integralmente crivadas, tendo sido as do interior da câmara e do corredor passadas por uma malha de 2 mm.

ARQUITECTURA

O monumento megalítico da Palhota apresenta uma câmara de planta sub-rectangular a tender para trapezoidal e um corredor estreito e bem diferenciado (**D 3-4** de G.

Leisner⁽⁹⁾ ou **forma 14** de J. Ruiz Solanes⁽¹⁰⁾); o seu **tumulus** possui uma cintura de pedras em contacto directo com os esteios da câmara e duas coroas, de blocos, circulares concêntricas (Fig. 3).

Embora a câmara funerária se encontrasse bastante destruída, faltando-lhe grande parte dos esteios, utilizados recentemente na construção de uma casa das proximidades⁽¹¹⁾, foi possível determinar a sua planta pois conservou-se quase toda a cintura tumular que contactava directamente com os esteios e surgiram os calços e «camas» dos esteios retirados. Assim, concluímos tratar-se de uma câmara de planta sub-rectangular limitada por dois (?) esteios laterais e por um de cabeceira, e cujas dimensões seriam, aproximadamente : compr. (L) 2,20 m. ; larg. (l) máx. 2 m.

$$\frac{\text{L. máx. da câmara}}{\text{l. máx. da câmara}} = 1,1$$

O esteio **a** (cabeceira), já inexistente, deveria ter um comprimento entre 1,60 m e 1,80 m (partimos do princípio de que o esteio **b** não se encontra na sua posição primitiva pois, pela extracção do esteio **a**, teria sofrido uma deslocação para o interior da câmara — Fig. 9). No nível de base notam-se algumas pequenas lajes de calcário, colocadas verticalmente e alinhadas segundo a direcção NE. — SW, que poderão corresponder a reforços do esteio **a**. Este deveria travar os esteios laterais, **b** e **e**, impedindo-os de tombarem para o interior da câmara (como veremos adiante os esteios laterais pouco ou nada se aprofundavam relativamente ao nível do chão da câmara).

O esteio **b** é de calcário e tem 2,27 m. de compr., 0,37 m de altura actual e 0,24 m de espessura ; esta ligeiramente inclinado para o interior ; a sua base aprofunda-se apenas 0,05 m. relativamente ao chão da câmara.

Em **c** não conseguimos saber exactamente se chegou a existir um verdadeiro esteio que por ter sido arrancado teria possibilitado a entrada para o interior da câmara de pedras da cintura tumular ou se, pelo contrário, teria sido construída uma parede de pedra seca reforçada por uma laje colocada verticalmente que, embora fracturada em altura ainda conseguimos localizar.

Paralelo ao esteio **b**, implantar-se-ia, talvez, um outro esteio (**e**) que assentaria, pelo menos na sua zona Oeste, sobre calços de calcário cujas cotas mais elevadas correspondem às do chão da câmara.

Junto da entrada da câmara, no canto N.E., assentes sobre o chão, existem blocos de calcário sub-paralelepípedicos que formam uma estrutura de planta aproximadamente rectangular (1 x 0,50 m). A face superior destes blocos encontra-se cerca de 0,10 m acima do chão primitivo e apresenta, em alguns deles, sinais de acção de fogo.

O corredor, de orientação E., 25° S., tem de comp. 3,20 m e de larg. máx. 0,80 m (na zona da entrada exterior). Possui, actualmente, nove esteios (faltam-lhe, pelo menos, dois), pouco espessos e estreitos.

(9) Leisner, G. 1945.

(10) Ruiz Solanes, J., 1973.

(11) No momento da nossa intervenção na Palhota o proprietário do terreno preparava-se para retirar os restantes esteios, pelo que o monumento ficaria então totalmente destruído.

— Esteio **f.** — Calcário. Compr. 0,50 m; alt. actual 0,42 m; esp. 0,15 m. Posição vertical. A nivelarem a base, que é irregular, existem calços de calcário na extremidade Este. Aprofunda-se cerca de 0,07 m abaixo do nível do chão do corredor.

— Esteio **g.** — Calcário. Compr. 0,90 m; alt. actual 0,40 m; esp. 0,10 m. Inclinado para o exterior. Assenta em calços de calcário que possuem cotas variáveis de acordo com as irregularidades da sua base.

— Esteio **h.** — «Grés de Silves». Compr. 0,50 m; alt. actual não determinada (o esteio encontra-se aprofundado abaixo do nível do chão do corredor que nesta zona se apresenta lajeado); alt. actual observável acima do chão do corredor 0,50 m; esp. 0,08 m. Vertical.

— Esteio **i.** — Calcário. Compr. 0,45 m; alt. actual não determinada (devido à presença de pedras que fecham a entrada do corredor); esp. 0,10 m. Inclinado para o exterior.

— Esteio **j.** — Calcário. Compr. 0,37 m; alt. actual não determinada (zona obstruída da entrada do corredor); esp. 0,09 m. Inclinado para o exterior.

— Esteio **k.** — Calcário. Compr. 0,39 m; alt. actual não determinada (zona obstruída da entrada do corredor); esp. 0,14 m. Inclinado para o exterior.

— Esteio **l.** — Calcário. Compr. 0,47 m; alt. actual não determinada (pelo facto de o esteio se encontrar aprofundado abaixo do chão do corredor que nesta zona se encontra lajeado); esp. 0,09 m. Ligeiramente inclinado para o exterior.

— Esteio **m.** — Calcário. Compr. 0,82 m; alt. actual 0,35 m; esp. 0,10 m. A cota da base corresponde à do chão do corredor. Ligeiramente inclinado para o exterior.

— Esteio **n.** — Calcário. Compr. 0,26 m; alt. actual 0,36 m; esp. 0,08 m. Cota da base igual à do chão do corredor. Ligeiramente inclinado para o exterior.

A entrada exterior do corredor foi obstruída por blocos de calcário, «grés de Silves» e diorito de dimensões máximas compreendidas entre 0,10 e 0,30 m, ocupando uma área com a largura do corredor e o comprimento de 1,20 m; atingem presentemente, no seu conjunto, a espessura de 0,30 m (Fig. 5) (*).

A partir da entrada, a seguir à zona obstruída, o chão do corredor é pavimentado por duas lajes de calcário.

$$\frac{\text{L. máx. da câmara}}{\text{L. máx. do corredor}} = 0,7$$

$$\frac{\text{I. máx. da câmara}}{\text{I. máx. do corredor}} = 2,5$$

$$\frac{\text{L. máx. do corredor}}{\text{I. máx. do corredor}} = 3,7$$

O eixo maior da sepultura (do meio da cabeceira ao meio da abertura exterior do corredor) mede 5,40 m e orienta-se segundo a direcção E., 19° S..

(*) Dado o interesse desta estrutura, não a desmontámos.



Fig. 5 — Zona da entrada exterior do corredor, obstruída por blocos de calcário, «grés de Silves» e diorito.

A câmara e, pelo menos, parte do corredor seriam cobertos pelo **tumulus** de que restam as seguintes estruturas :

- Cintura de pedras encostada aos esteios da câmara e aos esteios **f, g, m, n** e **o** do corredor ; formada por lajes e blocos em geral de calcário, de dimensões máximas atingindo 0,70 m, colocados obliquamente e parcialmente sobrepostos (Fig. 6) ; sub-circular, com um raio de cerca de 2,40 m. (a partir do centro da câmara) ; larg. máx. 1,15 m.

- Primeira coroa. Sub-circular (raio de 3,50 — 4 m), formada igualmente por lajes e blocos de calcário (dimensões máximas em geral de 0,25 m, mas chegando a atingir 0,70 m) ; nas zonas melhor conservadas tem de larg. 0,90 — 1 m ; é interrompida pelo corredor junto da sua entrada exterior, mais precisamente pelos esteios **l** e **i**.

- Segunda coroa. Circular (raio de cerca de 7,30 m) ; larg. máx. 1,50 m ; formada por blocos de calcário, diorito, grés, grauvaque e quartzo de dimensões máximas em geral compreendidas entre 0,15 e 0,40 m ; interrompe-se na zona correspondente à entrada do corredor (que se encontra recuada), com uma abertura cuja larg. actual é de 2,30 m ; comportar-se-ia como um anteparo das terras do **tumulus**, delimitando-o exteriormente.

No espaço situado entre a chamada cintura e a segunda coroa surgiu uma camada

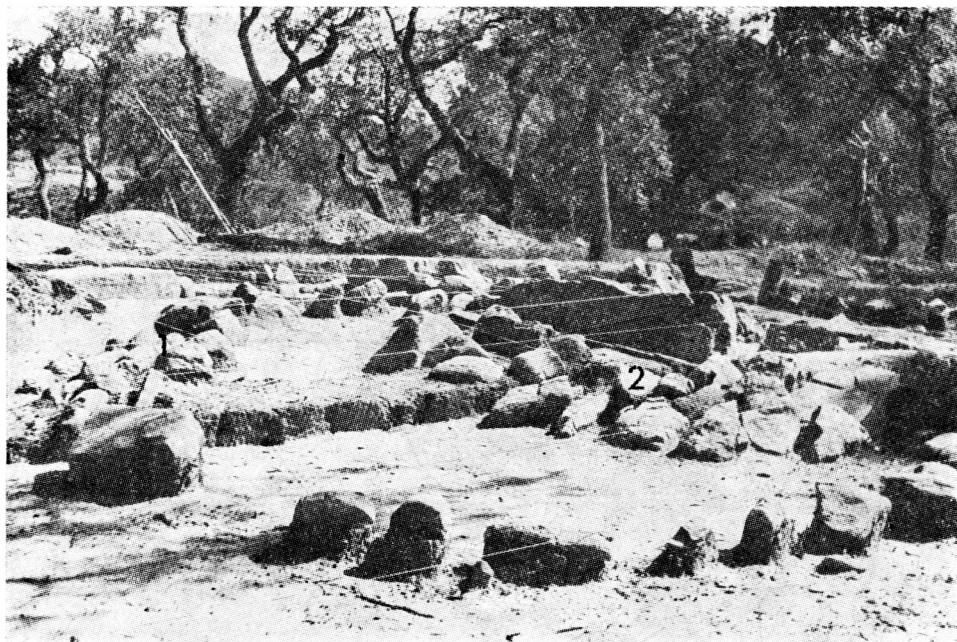


Fig. 6 — Aspecto parcial do tumulus visto de NW. com a **primeira coroa de blocos** (1) e a **cintura de pedras** (2) encostada aos esteios da câmara.

(C.2) de argila vermelha aí colocada quando da construção do monumento. Notou-se a presença desta mesma argila entre as pedras da cintura e das coroas.

ESPÓLIO DO INTERIOR DA SEPULTURA

A **C.2** da câmara e do corredor forneceu, além de material antropológico (dentes, fragmentos de calote craneana e pequenos fragmentos de ossos longos) que foi entregue para estudo ao Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, as seguintes peças arqueológicas (Est. I) :

- 1 — Núcleo de sílex
- 2 e 3 — Subprodutos de talhe em sílex
- 4 — Subproduto de talhe em quartzo cristal de rocha
- 5 — Raspador em calcedónia
- 6 — Lamela com possíveis traços de utilização (sílex)
- 7 — Lamela com traços de utilização (sílex)

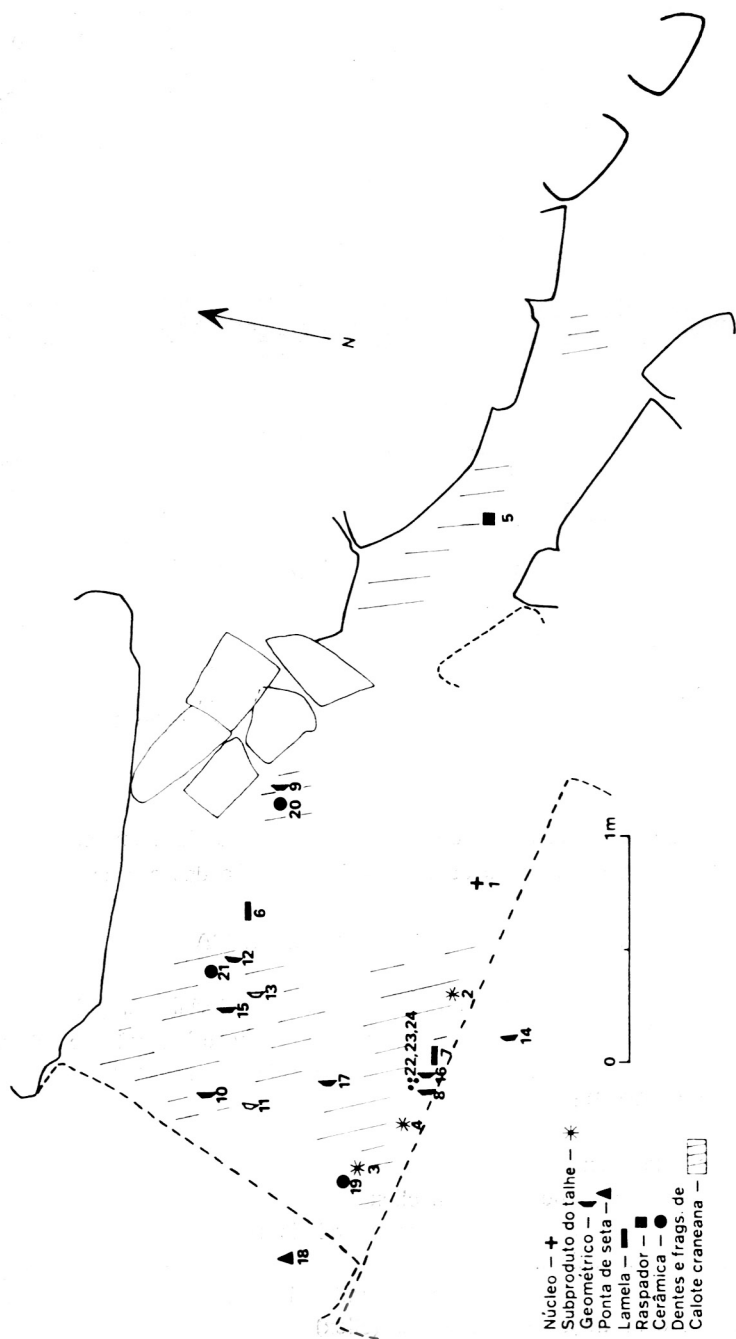


Fig. 7 — Distribuição do espólio na C. 2 do interior da câmara e do corredor.

- 8 — Triângulo isósceles (silex)
- 9 — Triângulo escaleno (quartzo leitoso)
- 10 — Triângulo escaleno (silex)
- 11, 12 e 13 — Trapézios simétricos de truncaturas muito oblíquas (silex)
- 14 — Trapézio simétrico curto (silex)
- 15 — Trapézio assimétrico de grande truncatura curta (silex)
- 16 — Trapézio assimétrico (silex)
- 17 — Trapézio rectângulo (silex)
- 18 — Ponta de seta de base em lingueta e com aletas (silex)
- 19 e 20 — Taças em calote de esfera (cerâmica)
- 21 — Taça de carena média (cerâmica)
- 22, 23 e 24 — Contas de colar, discoides (xisto)

O espólio, quer o antropológico quer o arqueológico, distribuía-se por 5 zonas (Fig. 7): uma no canto SW da câmara e ao longo de parte do «esteio e» (peças n.º 1, 2, 3, 4, 7, 8, 14, 16, 18, 19, 22, 23 e 24, dentes, fragmentos de calote craneana e numerosos fragmentos de outros ossos); outra, no Centro-Oeste da câmara (peças 6, 10, 13, 15 e 21, fragmento de calote craneana e pequenos fragmentos de outros ossos); uma terceira, no Centro-Este, junto da estrutura do canto NE. da câmara (peças 9 a 20, um dente e pequenos fragmentos de ossos); uma quarta, no corredor, nas proximidades da entrada da câmara (peça 5, dentes, fragmentos de calote craneana e pequenos fragmentos de outros ossos); finalmente uma quinta zona, a meio do corredor, com dentes e pequenos fragmentos de ossos.

Considerando a distribuição do espólio, não nos parece que o número de tumulações tenha sido muito superior a cinco.

Indústria Lítica

Surgiram 5 fragmentos de silex (não descritos nem desenhados), 1 núcleo, 3 subprodutos de talhe e 14 utensílios.

O núcleo é irregular, muito exausto, em silex.

Dos subprodutos de talhe fazem parte 1 lasca e 2 lamelas. Os talões são liso, facetado e irregular; o ângulo de lascagem, quase recto (2 exemplares) e obtuso; o bolbo de percussão, proeminente na lasca, difuso e parcialmente eliminado nas lamelas. Secção transversal triangular em 2 exemplares e sub-trapezoidal em 1. Secção longitudinal convexo-côncava, embora pouco arqueada nos 3 exemplares. Os subprodutos de talhe são de pequenas dimensões, devendo tratar-se de resíduos da preparação de núcleos. A matéria-prima é o silex em 2 exemplares, de cor clara nos tons branco e cinzento (N 6) e o quartzo cristal de rocha em 1 exemplar (lamela). O maior tem 17x15x3 mm e o menor 12x5x1,5 mm.

Os 14 utensílios repartem-se por 4 grupos tipológicos: raspadores, lamelas com vestígios de utilização («faquinhos»), geométricos e pontas de seta.

Encontrou-se apenas um raspador, duplo sobre lasca, em calcedónia (único utensílio proveniente do corredor).

Duas lamelas possuem traços de utilização manifestados através de retoque oblíquo irregular e esquiolamento, directo e inverso. Ambas possuem talão facetado; o bolbo é proeminente (com cone de percussão), em uma e pouco proeminente (com

cone de percussão pouco nítido) na outra. Secção longitudinal convexo-concava, fortemente arqueada, nos 2 exemplares. Silex de cores claras : branco com pequenas manchas cinzento-claras (N6) e rosa acinzentado-claras (10 R 7/2). As dimensões são 60x11,5x2 mm e 26x14x2 mm.

O grupo dos geométricos totaliza 10 peças : 3 triângulos (2 escalenos e um isósceles) e 7 trapézios (4 simétricos, 2 assimétricos e 1 rectângulo ; 4 possuem um encoche na base menor) ; 1 dos triângulos escalenos apresenta retoque biface oblíquo ou em «duplo bisel». Exceptuando 1 triângulo escaleno, que é em quartzo leitoso, os restantes geométricos são em silex, de cor branca na maioria dos casos e ainda vermelho-púrpura pálida (5 R P 6/2), laranja-acinzentada clara (10 Y R 6/4), castanho-amarelada média (10 Y R 5/2) e castanha escura (5 Y R 2/2). A peça de maiores dimensões tem 28x12x2,5 mm e a menor 14,5x8,5x2 mm.

O grupo das pontas de seta está representado por um exemplar de base em lingueta sub-trapezoidal e com aletas. Secção longitudinal convexo-concava. Retoque parcial em ambas as faces. Silex branco, ligeiramente rosado. Tem 26x10,5x2,5 mm.

O aparecimento de núcleos e de subprodutos de talhe no interior da sepultura verificou-se em outros dolmenes, nomeadamente na Anta 1 do Passo ⁽¹²⁾, na Anta da Velada das Éguas ⁽¹³⁾ (Alto Alentejo), no dólmen de Casainhos ⁽¹⁴⁾ e no de Monte Abraão ⁽¹⁵⁾ (Estremadura), bem como em **tholoi** quer do grupo do SW. (Monte das Pereiras ⁽¹⁶⁾) quer do grupo da Estremadura (Pai Mogo ⁽¹⁷⁾).

No caso da Palhota, pode pôr-se a hipótese deste material ter penetrado na sepultura propriamente dita, sendo proveniente da área do **tumulus** onde núcleos e subprodutos de talhe se encontram muito bem representados. Esta infiltração teria ocorrido quando foram retirados alguns esteios da câmara. O núcleo e os subprodutos de talhe distribuíam-se ao longo da zona onde teria estado implantado o «esteio e».

O grupo dos geométricos é o melhor representado : dez num total de catorze utensílios líticos.

Os geométricos constituem uma parte muito importante do espólio em pedra lascada dos monumentos megalíticos considerados mais antigos quer do Alto Alentejo (Anta 1 do Poço da Gateira ⁽¹⁸⁾) quer do Alto Algarve (monumentos rectangulares de planta fechada de Palmeira, Buço Preto e Eira Cavada), nos quais a ponta de seta está ausente. Os geométricos de Monchique são sobretudo trapézios e possuem na base menor um **encoche**. Dos sete trapézios da Palhota, quatro apresentam também um encoche na base menor. Além dos abundantes exemplares com esta característica, fornecidos por Monchique, foram efectuados achados esporádicos com menor significado quantitativo na gruta 3 de Palmela, no dólmen de Conchadas, na Anta 2 de Gorginos, na Anta 2 das Vidigueiras, na Anta da Capela (Portalegre).

(12) Leisner, G. e V., 1959, 251.

(13) Pina, H. L. e Galopim de Carvalho, A. M., 1962.

(14) Leisner, V., 1965, 27 e seg.

(15) Leisner, V., 1965, 72 e seg.

(16) Leisner, V., 1965, 152 - 153.

(17) Gallay, G., Spindler, K., Trindade, L. e Veiga Ferreira, O. da, 1973, 45 - 47.

(18) Leisner, G. e V., 1959, 203 e seg.

Os geométricos possuem, contudo, uma grande longevidade, prolongando-se pelo período do apogeu da cultura megalítica, surgindo em grandes dólmenes (Anta Grande do Olival da Pega⁽¹⁹⁾, p. ex.) associados, embora em clara desvantagem numérica, à ponta de seta de base côncava e recta, em contextos onde estão presentes a placa de xisto gravada, representações zoomórficas (coelhos), contas discoides em xisto, alfinetes em osso de cabeça canelada e ídolo almeriense. Um contexto arqueológico semelhante mas sem ponta de seta de base côncava, foi datado na Lapa do Fumo⁽²⁰⁾ de 3 090 ± 160 a. C.. No estrato inferior da Pedra Branca⁽²¹⁾, do Neolítico final/Calcolítico inicial, apareceram alguns geométricos associados a pontas de seta exclusivamente de base côncava. Finalmente, alguns monumentos claramente calcolíticos forneceram também geométricos (**tholoi** da Nora Velha⁽²²⁾, do Escoural⁽²³⁾ e do Pai Mogo⁽²⁴⁾).

O grupo das pontas de seta ocorre na Palhota em grande desvantagem relativamente ao dos geométricos, facto a que atribuímos um carácter cronológico e não cultural pois, na Pedra Branca, a poucas centenas de metros da Palhota, as pontas de seta predominam sobre os geométricos. No nosso monumento, este grupo está representado apenas por um exemplar, de base em lingueta e com aletas, tipo de ponta de seta muito raro na região de Reguengos de Monsaraz e ausente em Ourique-Monchique. Na Estremadura, a ponta de seta de base triangular/pedunculada é muito frequente em contextos atribuíveis ao Neolítico final, contemporâneos de outros da região de Reguengos de Monsaraz onde, como dissemos, aquela está quase ausente. A Câmara ocidental do Monumento da Praia das Maças⁽²⁵⁾ continha pontas de seta apenas de base triangular/pedunculada associadas a contas discoides em xisto, placas de xisto gravadas e alfinetes de cabeça canelada. Em Cabeço da Arruda 1⁽²⁶⁾ que forneceu, entre outro espólio, figuras zoomórficas (coelhos), contas discoides em xisto e placas de xisto gravadas, as pontas de seta eram exclusivamente de base triangular/pedunculada. De salientar ainda que nestas (exceptuando a Praia das Maças que não deu geométricos) como em outras jazidas da Estremadura (dólmen de Casainhos⁽²⁷⁾, grutas artificiais da Quinta do Anjo⁽²⁸⁾, Lapa do Suão⁽²⁹⁾, Cova da Moura⁽³⁰⁾) se verifica a associação geométrico-ponta de seta de base triangular/pedunculada.

Como no SE. espanhol, onde a ponta de seta de base pedunculada se desenvolve no final da 2.ª fase da cultura de Almeria⁽³¹⁾, sendo depois progressivamente substituída pela ponta de seta de base côncava, tipo predominante na Cultura de Los Millares, na Estremadura portuguesa, após ter dominado durante o Neolítico final, a ponta de

(19) Leisner, G. e V., 1959, 211 e seg.

(20) Cunha Serrão, E. da e Marques, G. 1971

(21) Veiga Ferrerai, O. da e al., 1975

(22) Leisner, V., 1965, 147 e seg.

(23) Farinha dos Santos, M. e Veiga Ferreira, O. da, 1969

(24) Gallay, G. e al., 1973

(25) Leisner, V., 1965, 44 e seg.

(26) Leisner, V., 1965, 8 e seg.

(27) Leisner, V., 1965, 27 e seg.

(28) Leisner, V., 1965, 119 e seg.

(29) Furtado, A., e al., 1969.

(30) Belo, R., Trindade, L. e Veiga Ferreira, O. da, 1961.

(31) Leisner, G., 1945, 14.

seta de base triangular/pedunculada perde rapidamente importância nas jazidas calcolíticas onde é substituída pela de base côncava.

O facto da Palhota ter oferecido apenas um exemplar de ponta de seta não nos permite tirar ilacções muito seguras. Contudo, é de salientar não ter surgido uma única ponta de seta de base triangular/pedunculada no vizinho monumento da Pedra Branca.

- 1 — (32) Núcleo irregular, com mais de dois planos de percussão; exausto. Silex cinzento azeitona (5y4/1) ⁽³³⁾ e branco. 16×15×13 mm. Sector NE.; Q. 1N.; 1E.; C. 2. Inv. Pt/89.
- 2 — Subproduto de talhe. Lasca. Talão liso Ângulo de lascagem obtuso. Bolbo de percussão proeminente com cone de percussão. Secção transversal sub-trapezoidal. Secção longitudinal convexo-côncava, ligeiramente arqueada. Bordos laterais convergentes e convexos. Extremidade distal aproximadamente rectangular e menos espessa do que a zona mesial. Não retocado e sem traços de utilização. Silex cinzento claro (N6), com pequenas manchas brancas. 17x15x3 mm. Sector NE.; Q. 1N.; 1E.; C. 2c. Inv. Pt/80.
- 3 — Subproduto de talhe. Lamela. Talão facetado. Ângulo de lascagem obtuso, quase recto. Bolbo de percussão difuso. Secção transversal triangular. Secção longitudinal convexo-côncava, ligeiramente arqueada. Bordos paralelos e ligeiramente convexos. Fragmentado na extremidade distal obliquamente ao eixo de percussão. Não retocado e sem traços de utilização. Silex branco. 12×5×1,5 mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C2b. Inv. Pt/85.
- 4 — Subproduto de talhe. Lamela. Talão irregular. Ângulo de lascagem obtuso, quase recto. Bolbo de percussão parcialmente eliminado por um pequeno levantamento. Secção transversal triangular. Secção longitudinal convexo-côncava, ligeiramente arqueada. Bordos divergentes e aproximadamente rectilíneos. Fragmentado na extremidade distal. Não retocado e sem traços de utilização. Quartzo-cristal de rocha. 15×7×1,5 mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C2b. Inv. Pt/87.
- 5 — Raspador (**grattoir**) duplo sobre lasca. Possui duas frentes de raspador diametralmente opostas, uma das quais parcialmente fragmentada. A frente de raspador conservada é convexa, ovalada. Dimensão da corda do arco da frente de raspador inferior à largura máxima da peça. A frente parcialmente fragmentada é carenóide. Retoque directo, abrupto e semi-abrupto, irregular. Secção transversal da peça-suporte sub-triangular. Secção longitudinal plano-convexa. Fractura oblíqua relativamente ao eixo morfo-

(32) Os números das peças catalogadas são os mesmos dos respectivos desenhos.

(33) «Roch-Color Chart», The Geological Society of America, Boulder, Colorado, 1970.

(34) Seguimos de perto a classificação proposta pelo Groupe d'Etude de l'Épipaléolithique — Mésolithique : «Épipaléolithique — Mésolithique. Les microlithes géométriques», *Bulletin de la Société Préhistorique Française, Etudes et Travaux*, 66, 1969. z

lógico. Calcedónia branca. $21 \times 19 \times 10$ mm. Sector NE.; Q. 1N.; 3E.; C. 2. Inv. Pt/88.

- 6 — Lamela com possíveis traços de utilização («faquinha»). Talão facetado. Ângulo de lascagem obtuso, quase recto. Bolbo de percussão pouco proeminente, com cone pouco nítido, a tender para difuso. Secção transversal triangular. Secção longitudinal convexo-côncava (fortemente arqueada). Bordos divergentes; bordo esquerdo rectilíneo, bordo direito sinuoso. Extremidade distal aproximadamente rectangular e menos espessa do que o zona mesial. Possíveis traços de utilização no bordo direito, manifestados por retoque irregular e directo. Silex rosa-acinzentado claro (10R7/2) com manchas castanho-avermelhadas (10R4/4) e uma mancha verde-azeitona acinzentada clara (5y5/2) $26 \times 14 \times 2$ mm. Sector NE.; Q. 2N.; 1E.; C. 2b. Inv. Pt/82.
- 7 — Lamela com traços de utilização («faquinha»). Talão facetado. Ângulo de lascagem recto. Bolbo proeminente com cone de percussão. Secção transversal trapezoidal. Secção longitudinal convexo-côncava (fortemente arqueada). Bordos convergentes; bordo esquerdo rectilíneo, bordo direito convexo. Extremidade distal aproximadamente triangular e menos espessa do que a zona mesial. Traços de utilização manifestados através de esquirolamento (directo e inverso) e de um certo embotamento em ambos os bordos. O bordo esquerdo possui na zona distal retoque inverso, oblíquo e semi-abrupto, pequeno e profundo que assume no seu contorno geral o aspecto de um denticulado. O bordo direito possui um pequeno encoche directo. Também estes negativos podem ter resultado da utilização da peça. Silex branco com pequenas manchas cinzento-claras (N6). $60 \times 11,5 \times 2$ mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C. 2. Inv. Pt/78.
- 8 — Triângulo isósceles (só pelo facto da peça possuir um vértice bem diferenciado não a consideramos entre os segmentos de círculo) de truncaturas convexas. Secção transversal da peça-suporte indeterminada. Secção longitudinal rectilínea. Retoque directo e abrupto. Silex branco. $19 \times 11 \times 3$ mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C2b. Inv. Pt/77.
- 9 — Triângulo escaleno. Secção transversal da peça-suporte triangular. Secção longitudinal rectilínea. Fragmentado na ponta superior. Retoque da pequena truncatura: alternante, semi-abrupto. Retoque da grande truncatura: alternante, semi-abrupto, irregular. Quartzo leitoso, $23 \times 11,5 \times 3,5$ mm. Sector NE.; Q. 2N.; 2E.; C. 2a. Inv. Pt/90.
- 10 — Triângulo escaleno. Secção transversal da peça-suporte indeterminada. Secção longitudinal arqueada. Retoque biface oblíquo ou em «duplo bisel». Silex branco. $14,5 \times 8,5 \times 2$ mm. Sector NW.; Q. 2N.; 1W.; C. 2b. Inv. Pt/83.
- 11 — Trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas⁽³⁴⁾. Uma das truncaturas é rectilínea; a outra é ligeiramente convexa. Secção transversal da peça-suporte trapezoidal. Secção longitudinal ligeiramente arqueada. Retoque

- directo e abrupto Silex castanho-amarelado médio (10YR5/2) a branco. 27,5×12,5×3 mm. Sector NW.; Q. 2N. 1W.; C. 2. Inv. Pt/164.
- 12 — Trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas. Secção transversal da peça-suporte trapezoidal. Secção longitudinal ligeiramente arqueada. Retoque das truncaturas directo e abrupto. Base menor transformada em **encoche** por retoque directo e abrupto. Silex branco e laranja-acinzentado claro (10YR6/4). 26x11,5x3 mm. Sector NE.; Q. 2N.; IE.; C. 2c. Inv. Pt/73.
- 13 — Trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas. Secção transversal da peça-suporte triangular. Secção longitudinal arqueada. Vestígios da técnica do microburil (ápices triédicos) nas duas truncaturas. Retoque das truncaturas directo e abrupto. Na base menor, em cerca de metade do seu comprimento, pequenos (<1 mm.) retoques directos, superficiais e irregulares. Silex castanho-amarelado-médio (10YR 5/2). 28x9x3 mm. Sector NE.; Q. 2N.; 1E.; C.2 Inv. Pt/74.
- 14 — Trapézio simétrico curto. Secção transversal da peça-suporte indeterminada. Secção longitudinal ligeiramente arqueada. Retoque das truncaturas directo e abrupto. Base menor transformada em **encoche** por retoques directos semi-abruptos. Silex branco. 17x12x2 mm. Sector NE.; Q. 1N. 1E.; C. 2c. Inv. Pt/75.
- 15 — Trapézio assimétrico de grande truncatura curta. Secção transversal da peça-suporte trapezoidal. Secção longitudinal arqueada. Retoque directo, abrupto e semi-abrupto. A extremidade distal da grande truncatura apresenta traços de abrasão num pequeno **encoche** cuja génese é difícil de determinar. Silex branco e vermelho-púrpura-pálido (5 RP 6/2). 28×12 ×2,5 mm. Sector NE.; Q. 2N.; 1E.; C. 2 Inv. Pt/76.
- 16 — Trapézio assimétrico. Secção transversal da peça-suporte trapezoidal. Secção longitudinal rectilínea. Retoque da grande truncatura: directo e abrupto. Retoque da pequena truncatura: alternante e abrupto. Base menor transformada em um **encoche** clactonense directo. Ponta superior desgastada. Silex branco. 21x12x2 mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C. 2b. Inv. Pt/79.
- 17 — Trapézio rectângulo. Secção transversal da peça-suporte trapezoidal. Secção longitudinal rectilínea. Retoque da grande truncatura directo e abrupto. Retoque da pequena truncatura alternante e abrupto. Base menor transformada em **encoche** clactonense, inverso, profundo. A base maior apresenta esquirolamento directo e inverso. Silex castanho-escuro (5 YR 2/2) e branco. 22x12x2 mm. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C. 2. Inv. Pt/163.
- 18 — Ponta de seta de base em lingueta e com aletas. Parte activa da ponta de seta em triângulo isósceles. Aletas situadas a cerca de 2/3 do comprimento total da peça medido a partir da extremidade distal, extrovertidas, assumindo a forma de duas espinhas laterais: correspondem à zona de largura máxima da peça e estabelecem o limite entre a parte activa e o encabamento ou base da ponta de seta. Base em lingueta sub-trapezoidal.

Secção transversal sub-trapezoidal a tender para plano-convexa. Secção longitudinal convexo-côncava (ligeiramente arqueada). Retoque do anverso: oblíquo e rasante parcial médio (≥ 2 mm. < 4 mm.). Retoque do reverso: rasante marginal exceptuando a base onde é invasor, médio e pequeno (2 mm.). Silex branco-rosado com uma mancha rosa pálida (5 RP 7/2). $26 \times 10,5 \times 2,5$ mm. Sector NW.; Q. 2N.; 1W.; C. 2b. Inv. Pt/81.

Cerâmica

Os fragmentos exumados permitem reconstituir graficamente três recipientes: 2 taças em calote de esfera (n.º 19 e 20) de bordo não espessado e lábio convexo-aplanado (diâmetros da boca cerca de 180 e 230 mm.) e 1 taça de carena média (n.º 21), fundo esférico-achatado e parede côncava (diâmetro da boca cerca de 140 mm.). A pasta das duas primeiras taças é compacta com escassos elementos não plásticos, sobretudo em quartzo, superiores a 1 mm. e contém finíssimas partículas de mica; a da taça carenada é pouco compacta mas também com raros elementos não plásticos maiores que 1 mm..

As superfícies foram bem ou muito bem alisadas.

No que se refere à cor verifica-se que as superfícies são em geral manchadas, apresentando valores claros, médios e escuros nos **matizes** dos castanho-amarelados (YR⁽³⁵⁾), castanho-avermelhados (R) e cinzento-esverdeados (Y). A fractura apresenta-se: em um exemplar (n.º 20) totalmente muito escura, quase negra, embora as superfícies sejam claras; em 2 exemplares (n.ºs 19 e 21) com uma zona muito escura, quase negra, entre zonas superficiais acastanhadas, mais claras. A cozedura teria sido, pois, irregular e processada em atmosfera semi-redutora (redutora no início e parcialmente oxidante no final da cozedura).

As formas destes recipientes, que tiveram grande longevidade durante a nossa Pré-história, não nos permitem extrair ilacções seguras de carácter cronológico. Porém, a sua ocorrência em contextos claramente do Neolítico recente (caso do «Estrado B» da Lapa do Fumo, datado de 3090 ± 160 a.C.⁽³⁶⁾) indica-nos que na Palhota não estão em desacordo com a posição cronológica sugerida pelo espólio lítico.

As duas taças em calote de esfera são comuns em monumentos funerários do litoral estremenho; estão igualmente bem representadas nas antas de Reguengos, principalmente nas consideradas mais evoluídas⁽³⁷⁾ (anta grande do Olival da Pega): é notória a sua escassez nas antas da área central do Alto Alentejo (Pavia) bem como nas da Beira⁽³⁸⁾. A taça de carena baixa/média ocupa um lugar relativamente importante na Pedra Branca, tendo sido considerada pelos autores do estudo deste monumento como

(35) Ver «Roch-Color Chart», the Geological Society of America, Boulder, Colorado, 1970

(36) Cunha Serrão, E. da e Marques, G., 1971

(37) Leisner, G. e V., 1951, 89

(38) Leisner, G. e V., 1951, 96

um elemento revelador de influências da Cultura de Almeria⁽³⁹⁾; pouco frequente na Estremadura (presente, como atrás se disse, no «Estrato B» da Lapa do Fumo) é, ao contrário da taça em calote de esfera, muito abundante na região de Pavia.

- 19 — Taça⁽⁴⁰⁾ em calote de esfera (fragmento). Bordo recto⁽⁴¹⁾, ligeiramente inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo, nuns pontos, e apianado em outros. Superfícies bem alisadas; a externa um pouco irregular. Pasta compacta com abundantes e.n.p.⁽⁴²⁾ até 0,5 mm. e escassos [de quartzo] > 1 mm.: finas partículas de mica. Cor: superfície externa castanha (5 YR 4/4 e 5 YR 3/4) com manchas esverdeadas (5 Y 5/2); superfície interna castanho-avermelhada (10 R 5/6); fractura com espessa zona escura, castanho-amarelada quase negra entre finas zonas superficiais da cor das superfícies. Diam. da boca **ca.** 230 mm.; H. **ca.** 90 mm.; esp. 8-11 mm.. Sector NW.; Q. 1N.; 1W.; C. 2a. Inv. Pt/94.
- 20 — Taça em calote de esfera (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, quase vertical, sem espessamento; lábio convexo-aplanado. Superfícies muito bem alisadas. Pasta compacta com abundantes e. n. p., de quartzo, até 1 mm. e escassos > 1 mm.; finíssimas partículas de mica. Cor: superfícies cinzento-esverdeadas claras (5 Y 6/1); fractura castanho-amarelada muito escura, quase negra (10 YR 2/2). Diam. da boca **ca.** 180 mm.; H. **ca.** 80 mm.; esp. 9 mm.. Sector NE.; Q. 2N.; 2E.; C. 2a. Inv. Pt/95.
- 21 — Taça de carena média, parede côncava e fundo esférico (fragmento). Bordo ligeiramente extrovertido⁽⁴³⁾, sem espessamento; lábio plano. Superfície externa muito bem alisada, com restos de polimento (?); superfície interna bem alisada. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p., de quartzo, com **ca.** de 0,5 mm. e escassos > 1 mm. Cor: superfície externa castanho-avermelhada (10 R 4/6) com manchas mais escuras, castanho-acinzentadas (5 YR 3/2); superf. interna castanho-clara (5 YR 5/6) e castanho-amarelada escura (10 YR 3/2); fractura com espessa zona escura, castanho-amarelada quase negra (10 YR 2/2) entre finas zonas superficiais da cor das superfícies. Diam. da boca **ca.** de 140 mm.; H. **ca.** 70 mm.; esp. 5-7 mm.. Sector NE.; Q. 2N.; 1E.; C. 2a. Inv. Pt/92.

Objectos de adorno

Como objectos de adorno há apenas a assinalar o aparecimento de três contas discoides (diâmetro máximo 6 mm.; espessura máxima 1 mm.) em xisto cinzento escuro.

(39) Veiga Ferreira, O. da e al., 1975

(40) Consideramos taça sempre que $20 \leq \frac{H \times 100}{D} < 50$.

(41) O bordo é recto sempre que não exista mudança nítida de direcção em relação à parede do vaso. Pode ser recto vertical, recto inclinado para o exterior e recto inclinado para o interior

(42) Passaremos a utilizar esta abreviatura para designar **elementos não plásticos**.

(43) Bordo extrovertido quando inflecte para o exterior, havendo mudança nítida de direcção em relação à parede do vaso.

A presença destas três contas reforça a proposta de cronologia e integração cultural resultante sobretudo da análise do espólio lítico. Com efeito, as contas discoides de xisto estão ausentes nas pequenas sepulturas de Reguengos, consideradas arcaicas (Anta 1 do Poço da Gateira. Anta 2 das Vidigueiras. Anta 2 de Gorginos ⁽⁴⁴⁾) e surgem em grande número nos grandes dolmenes correspondentes ao apogeu da Cultura Megalítica do Alto Alentejo (Anta Grande da Comenda da Igreja ⁽⁴⁵⁾, Anta da Vejada das Éguas ⁽⁴⁶⁾, Anta Grande do Olival da Pega ⁽⁴⁷⁾).

Também na Estremadura as contas discoides de xisto se encontram muito bem representadas (dolmen do Monte Abraão ⁽⁴⁸⁾, Casainhos ⁽⁴⁹⁾, Câmara Ocidental da Praia das Maças ⁽⁵⁰⁾, grutas artificiais, «Estrato B» da Lapa do Fumo ⁽⁵¹⁾). Perduram no Calcolítico, figurando nos espólios de algumas **tholoi** (Escoural ⁽⁵²⁾, Nora Velha ⁽⁵³⁾). Jazidas situadas em zonas onde o xisto não existe forneceram contas discóides de calcário ou mármore (Pai Mogo ⁽⁵⁴⁾) e ainda de xisto e calcário (Lapa do Fumo). No dolmen vizinho do da Palhota, o da Pedra Branca ⁽⁵⁵⁾, surgiram 1 147 contas discoides de xisto.

- 22, 23 e 24 — Três contas discoides. Perfuração central cilíndrica executada a partir de uma só face. Xisto cinzento escuro (N4). Diâmetro externo máximo: 6 mm., 6 mm. e 5 mm.; diâm. da perfuração central: 1,8 mm., 2 mm. e 1,5 mm.; esp. 1 mm., 0,5 mm. e 1 mm. (respectivamente).

ESPÓLIO DO EXTERIOR DA SEPULTURA (TUMULUS)

A escavação do **tumulus** e a crivagem integral das suas terras permitiram recolher abundante espólio lítico e cerâmico. A distribuição destes materiais não se fazia de um modo uniforme. Os abundantes fragmentos, resíduos e subprodutos de talhe, os núcleos e alguns utensílios em sílex e rochas duras atingiam um número um pouco mais elevado na metade Este (116 exemplares: 59 no sector SE. e 57 no NE) que na metade Oeste (96 exemplares: 64 no sector NW e 32 no sector SW). Havia uma notória rarefacção no sector SW. Os restantes sectores não apresentavam entre si diferenças quantitativas apreciáveis. Se agruparmos os materiais dos dois sectores da metade Sul do **tumulus** (91 exemplares), onde a câmara se apresenta mais destruída, e os compararmos com os da metade Norte (121 exemplares), verifica-se que não é lícito relacionar a presença de materiais no **tumulus** com a destruição parcial da câmara: a metade do **tumulus** correspondente à parte melhor conservada da sepultura foi a que forneceu maior frequência de espólio.

(44) Leisner, G. e V., 1951.

(45) Leisner, G. e V., 1959, 121 e seg..

(46) Pina, H. L. e Galopim de Carvalho, A. M., 1962.

(47) Leisner, G. e V. 1951.

(48) Leisner, V., 1965, 72 e seg..

(49) Leisner, V., 1965, 27 e seg..

(50) Leisner, V., 1965, 44 e seg..

(51) Cunha Serrão, E. da e Marques, G., 1971.

(52) Farinha dos Santos, M. e Veiga Ferreira, O. da, 1969.

(53) Leisner, V., 1965, 147 e seg..

(54) Gallay, G. e al., 1973.

(55) Veiga Ferreira, O. da e al., 1975.

Ao analisar-se a cerâmica notam-se diferenças quantitativas mais evidentes entre os diversos sectores. Foi recolhido um total de 228 fragmentos assim distribuídos:

- 128 no sector SE. (11 $\leq$ 25 mm. com 7 pouco ou não rolados e 4 rolados e muito rolados; 92 entre 25 e 50 mm. com 77 pouco ou não rolados e 15 rolados e muito rolados; 22 entre 50 e 100 mm., não ou pouco rolados; 2 entre 100 e 150 mm., não rolados e 1 $>$ 150 mm., não rolado).
- 49 no sector NE. (10 $\leq$ 25 mm. com 2 não rolados e 8 rolados e muito rolados; 31 entre 25 e 50 mm. com 14 pouco ou não rolados e 17 rolados; 8 entre 50 e 100 mm. com 5 pouco ou não rolados e 3 rolados).
- 30 no sector NW. (1 $\leq$ 25 mm., rolado; 24 entre 25 e 50 mm. com 21 pouco ou não rolados e 3 rolados; 3 entre 50 e 100 mm., não rolados).
- 21 no sector SW., o da parte mais destruída da câmara (1 $\leq$ 25 mm., pouco rolado; 15 entre 25 e 50 mm. com 7 pouco ou não rolados e 8 rolados e muito rolados; 5 entre 50 e 100 mm. com 4 pouco ou não rolados e 1 rolado).

Verifica-se, pois, uma grande concentração de fragmentos de cerâmica no sector SE., precisamente o que corresponde à zona da entrada do monumento; é também neste sector que os fragmentos atingem maiores dimensões e onde o rolamento é menor.

Há ainda a referir a descoberta **in situ**, entre as pedras da **cintura tumular**, junto do esteio n.º, do corredor, (sector SE.), de um machado de pedra polida, de secção oval e de flancos, bordos e talão picotados, bem como o aparecimento à superfície do **tumulus** de uma placa de xisto não decorada, e de dois fragmentos de utensílios em cobre/ /bronze (cinzel e machado plano).

É possível que alguns dos materiais referidos tenham saído da câmara quando da extracção dos esteios que faltam. Outros teriam resultado da reocupação do local por uma população talvez da Idade do Bronze (fragmento de cerâmica com orelha de preensão, n.º 67, cinzel e fragmento de machado plano em cobre/bronze). Quanto aos restantes, os quais representam a maioria, diversas hipóteses podem ser consideradas: corresponderem a uma ocupação do local anterior à construção do monumento o que parece ser muito improvável se atendermos à cronologia a que corresponde a maior parte do espólio; terem sido depositados, ritualmente, no **tumulus**; terem sido transportados juntamente com terra trazida do povoado. Destas três hipóteses, pensamos que a segunda é das mais aceitáveis não só porque o machado de pedra polida se encontrava claramente **in situ**, como também porque os fragmentos de cerâmica se concentravam na zona da entrada do monumento.

Indústria em pedra lascada

Os 167 fragmentos, resíduos⁽⁵⁶⁾ e subprodutos de talhe em sílex (92%) e rochas

(56) Por resíduo entende-se uma lasca informe sem face de lascagem (superfície de separação entre o núcleo e a lasca) nítida.

duras (8%) não são descritos nem desenhados. Os subprodutos de talhe são irregulares e atípicos.

Surgiram 33 núcleos e 4 fragmentos (flancos) — publica-se a descrição e o desenho de apenas 15 exemplares, ainda que o estudo tenha abrangido a totalidade. Dois encontram-se fortemente patinados; dois apresentam uma ligeira patina; os restantes (33) têm superfícies e arestas vivas.

Os dois núcleos fortemente patinados são de sílex; um, sub-piramidal de plano de percussão liso e com negativos de lascas e lamela e o outro, irregular, com levantamentos de lascas. As cores são médias e claras em tons acinzentados (5YR 6/1 e N5).

Dos dois núcleos ligeiramente patinados, um é de sílex (n.º 33) e outro de quartzito. Morfologicamente são bastante diferentes. O de sílex é bipolar de planos de percussão opostos, com negativos de lascas; o de quartzito é irregular, exausto, com levantamentos de lascas e foi preparado a partir de um calhau rolado de cuja superfície primitiva resta ainda uma pequena parte. O núcleo de sílex é de cores claras e médias em tons avermelhados (5 R 6/2 e 10 R 4/4); o de quartzito, de cor clara amarelo-acinzentada (10 YR 6/2).

Os núcleos e os fragmentos de núcleos de superfícies e arestas vivas possuem, na sua maioria, negativos de lascas (26 exemplares). Apenas 7 apresentam alguns levantamentos de lamelas juntamente com levantamentos de lascas. Isolámos os seguintes tipos :

- Unipolares (6 exemplares, distinguindo-se 2 piramidais e 1 sub-piramidal) ;
- Bipolares (8 exemplares : 4 com planos de percussão ortogonais, sendo 1 sub-prismático ; 1 com planos de percussão oblíquos ; 3 com planos de percussão opostos, sendo 1 sub-prismático) ;
- Irregulares (9 exemplares) : apresentam normalmente mais de dois planos de percussão ; o volume é sulcado por numerosos levantamentos que podem ser sucessivos planos de percussão ; possuem um grau de exaustão elevado ;
- Atípicos (5 exemplares) : com alguns levantamentos, percebendo-se contudo, por vezes, a forma inicial da matéria prima (nódulo) ; correspondem, em geral, a tentativas de **debitagem** não conseguidas devido à má qualidade da matéria prima.

Os 5 restantes são de tipo indeterminado devido ao seu estado de fragmentação, embora em um flanco se notem levantamentos unipolares e, em outro, bipolares.

A superfície dos planos de percussão dos núcleos de superfícies e arestas vivas parece não ter sido objecto de um cuidado especial. Nos exemplares em que os planos de percussão se encontram bem conservados, verificou-se que :

- 7 têm planos de percussão lisos ;
- 2 possuem planos de percussão diedros ;
- 6 têm planos de percussão corticais ou naturais.

O ângulo de preparação⁽⁵⁷⁾ dos núcleos de superfícies e arestas vivas varia, nos 16 exemplares em que foi possível efectuar esta observação, entre 55° e 110°. Os valores mais comuns deste ângulo estão compreendidos entre 70° e 90° (12 exemplares). Na preparação não era efectuada uma descorticação prévia e total pois 12 exemplares têm zonas corticais mais ou menos extensas situadas nas superfícies laterais. A matéria-prima utilizada foi, em 25 exemplares, o sílex da região e em 1, o quartzito; indeterminada em 7. Em 8, o sílex é de muito má qualidade. As cores são claras (21 exemplares), médias (3 exemplares) e escuras (1 exemplar). Predominam os **matizes** castanho-amarelados (5YR8/4, 10YR8/2), acinzentados (N5, N6) e avermelhados (10R7/2, 10R4/2) que se associam, muitas vezes, na mesma peça.

Os maiores dos núcleos em sílex medem 40x40x28 mm. e 30x50x43 mm., sendo a primeira dimensão tirada no sentido das extracções (desde o plano de percussão à base do núcleo). O menor mede 21x20x19 mm. Um núcleo médio tem 31x38x26 mm..

O núcleo de quartzito foi elaborado a partir de um calhaus rolado; é de cor clara e de tons acinzentados (N6 e 5Y8/1) e mede 47x57x33 mm..

Surgiram os seguintes utensílios: 1 buril simples sobre truncatura associado a um **encoche** clactonense; 2 lâminas com traços de utilização («facas»); 3 denticulados sobre lasca; 1 truncatura ou fragmento de geométrico e 1 flecha transversal trapezoidal cujas truncaturas apresentam retoque semi-abrupto e em «duplo bisel». Um dos denticulados é em calcário dolomítico; as restantes peças são em sílex.

- 25 — Núcleo piramidal. Plano de percussão liso sub-losanguico. Levantamentos de lascas. Preparação de uma crista. Ângulos de preparação: 75° e 90°. Sílex laranja-acinzentado muito claro (10YR 8/4), cinzento claro (N7) e cinzento escuro (N4), com veios de quartzo leitoso. Pequena zona cortical, 40x40x28 mm. Sector SE.; C.1. Inv. Pt/154.
- 26 — Núcleo subpiramidal (unipolar). Levantamentos de lascas. Sílex laranja muito pálido (10YR 8/2) e laranja-acinzentado claro (10YR 8/4). 45x43x19mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/137.
- 27 — Núcleo unipolar. Plano de percussão diedro, de contorno sub-rectangular. Ângulos de preparação: 70°, 80° e 110°. Levantamentos de lascas. Preparação de uma crista longitudinal. A parte posterior da superfície lateral com faixa longitudinal de cortex. Sílex castanho-amarelado pálido (10YR 7/2) e rosa-alaranjado (5YR 8/4). 29x25x18 mm.. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/143.
- 28 — Núcleo unipolar. Plano de percussão liso. Ângulo de preparação: 80°. Levantamentos de lascas e lamela. A parte inferior ou base do núcleo é cortical. Superfície lateral posterior também com cortex. Sílex cinzento claro (N7), cinzento-esverdeado escuro (5 GY 4/1) e branco. 30x28x24 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/156.
- 29 — Núcleo bipolar. Planos de percussão ortogonais, aproveitando superfícies

(57) Leroi-Gourhan, A., 1972, 273: «degré d'inclinaison du plan de frappe par rapport à la table d'enlèvements».

- naturais (um deles aproveita uma concavidade do bloco inicial). Ângulos de preparação : 80° e 90°. Pouco menos de metade da superfície lateral com cortex. Levantamentos de lamelas e lascas. Silex cinzento médio (N5), cinzento escuro (N4), azeitona-acinzentado claro (5 Y 6/1) e branco. 38x32x26 mm.. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/147.
- 30 — Núcleo piramidal. Plano de percussão liso. Levantamentos de lascas. Ângulo de preparação : 60°. Silex (?) vermelho-acinzentado (10 R 4/2 e 10 R 5/2). 50x43x30 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/136.
- 31 — Núcleo bipolar. Planos de percussão oblíquos, um liso e outro diedro. Ângulos de preparação : 70° e 80°. Levantamentos de lascas. Zona cortical extensa. Quartzito cinzento claro (N6) e cinzento-amarelado pálido (aprox. 5 Y 8/1). 46x37x33 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/120.
- 32 — Núcleo bipolar sub-prismático, exausto. Planos de percussão opostos. Levantamentos de lascas. Pequena zona cortical longitudinal. Silex de má qualidade cinzento-amarelado claro (aprox. 5 Y 7/2) e branco. 28x24x24 mm.. Sector NE.; C. 1. Inv. Pt/118.
- 33 — Núcleo bipolar. Planos de percussão opostos. Ângulos de preparação : 80° e 90°. Levantamentos de lascas. Preparação de uma crista na base do núcleo. Arestas ligeiramente patinadas. Silex vermelho pálido (5 R 6/2) e castanho-avermelhado (10 R 4/4). 53x28x20 mm. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/109.
- 34 — Núcleo (fragmento) bipolar. Planos de percussão opostos. Ângulo de preparação : 75°. Levantamentos de lascas. Resíduo de cortex. Silex rosa-alaranjado médio (5 YR 8/4) e castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2). 31x23x16 mm.. Sector NE.; C. 1. Inv. Pt/112.
- 35 — Núcleo irregular. Vários planos de percussão, dois dos quais são paralelos : volume sub-prismático. Ângulos de preparação : 90° e 95°. Levantamentos de lascas e lamelas. Silex rosa-alaranjado (10 R 7/4), rosa pálido (5 R 8/4) e laranja pálido (5 YR 8/4). 25x25x22 mm.. Sector SW.; C. 1. Inv. Pt/160.
- 36 — Núcleo irregular exausto. Vários planos de percussão. Levantamentos de lascas e lamelas. Silex de má qualidade laranja pálido (10 YR 8/2), branco e castanho-amarelado escuro (10 YR 4/2) com veios de calcedónia. 26x23x20 mm.. Inv. Pt/114.
- 37 — Núcleo irregular exausto. Vários planos de percussão. Ângulo de preparação : 80°. Levantamentos de lascas. Preparação de uma crista. Pequena zona cortical. Silex branco rosado (5 YR 8/1) e cinzento (aprox. N5). 23x23x19 mm. Sector SE.. C. 2a. Inv. Pt/99.
- 38 — Núcleo irregular exausto. Levantamentos de lascas. Preparação de uma crista transversal. Pequeno resíduo de cortex. Ligeira patina. Quartzito castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2). 35x29x25 mm.. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/133.

- 39 — Núcleo atípico. Os dois planos de percussão (opostos) principais são corticais, um ligeiramente convexo e outro fortemente côncavo. Levantamentos de lascas não conseguidos. Zonas corticais laterais. Perceptível a forma irregular do «rognon». Silex de má qualidade, fissurando-se em diversas direcções, rosa claro (10 R 7/2). Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/127.
- 40 — Buril simples sobre truncatura, e **encoche** clactonense. O buril apresenta um único levantamento e a aresta activa tem 4 mm.. Secção transversal da peça suporte (lasca), irregular. Resíduos de cortex. Silex castanho-acinzentado (5 YR 3/2) com manchas brancas. 25x21x9 mm. Sector NW ; C. 1. Inv. Pt/132.
- 41 — Lâmina com traços de utilização («faca»). Talão irregular, facetado (?). Bolbo difuso. Secção transversal triangular e trapezoidal. Secção longitudinal convexo-côncava. Bordos divergentes e sinuosos, com um certo embotamento e retoques muito pequenos (< 1 mm), irregulares, parciais e predominantemente directos que podem ter resultado do uso da peça. Fragmentada na extremidade distal. Silex castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2), castanho claro (5 YR 5/4) e branco. 78x32x7 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/105.
- 42 — Lâmina com traços de utilização («faca»). Talão e bolbo de percussão totalmente eliminados por fragmentação da peça na extremidade proximal. Secção transversal triangular. Secção longitudinal convexo-côncava. Bordos sinuosos. Bordo direito com retoque pequeno, irregular, parcial, inverso e abrupto que confere à zona do bordo onde se encontra contorno côncavo, e que pode ter sido originado pelo uso da peça. Fragmentada na extremidade distal. Silex branco e castanho-claro (5 YR 5/6). 28x16x4 mm.. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/134.
- 43 — Denticulado sobre lasca. É constituído por dois amplos **encoches** contíguos, um completo e outro parcialmente fragmentado. O conservado é clactonense (directo e semi-abrupto). Secção transversal da lasca, irregular. Resíduos de cortex. Silex branco e cinzento claro (N6 e N7). 30x20x13 mm.. Sector SW ; C. 1. Inv. Pt/159.
- 44 — Denticulado sobre lasca, constituído por dois pequenos **encoches** directos e abruptos. Secção transversal da lasca, indeterminada. A lasca está fragmentada transversal e obliquamente, restando uma pequena porção da zona mesial. Calcário dolomítico, cinzento claro (N7). 18x21x9 mm.. Sector SW.; C. 1. Inv. Pt/161.
- 45 — Denticulado sobre lasca, constituído por dois amplos **encoches** contíguos, um clactonense (directo e abrupto) e outro formado por vários retoques directos e abruptos. Abundantes traços de utilização. Secção transversal da lasca, irregular. Silex laranja muito pálido (10 YR 8/2) e rosa acinzentado claro (5 YR 7/2). 32x21x11 mm.. Sector SE.: C. 1. Inv. Pt./111.

- 46 — Truncatura ou fragmento de geométrico (visto a peça encontrar-se fragmentada transversalmente é impossível afirmar que não se trata de um trapézio). Lamela de secção transversal trapezoidal. Secção longitudinal aproximadamente rectilínea. Truncatura formada por retoques directos e abruptos. Silex branco e cinzento claro (N7). 15x11x2 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/150.
- 47 — Flecha transversal trapezoidal. Secção transversal da peça-suporte, trapezoidal. Secção longitudinal rectilínea. O bordo esquerdo, com pequena fractura longitudinal na extremidade distal, possui retoque directo, semi-abrupto e em «duplo bisel». Bordo direito com retoque directo e semi-abrupto. Bordo transversal com alguns esquirolamentos inversos. Silex cinzento (N5) e branco. 12x12x3 mm. Sector SE. Q. 4S.; 6 E. (entre as pedras do **tumulus**). Inv. Pt/97.

Indústria em pedra polida

A Indústria em pedra polida está representada por um machado pequeno de flancos, bordos e talão picotados e secção transversal oval; depositado entre as pedras do **tumulus**.

Na Estremadura, este tipo de machado foi encontrado na sepultura n.º 1 de Trigache⁽⁵⁸⁾, a menor, onde constituía todo o espólio funerário (2 exemplares). Na mesma província surge ainda em grutas naturais (Alcobertas⁽⁵⁹⁾, Bugio⁽⁶⁰⁾) e artificiais (Quinta do Anjo⁽⁶¹⁾, S. Pedro do Estoril⁽⁶²⁾). Na **tholos** do Cabeço da Arruda⁽⁶³⁾ descobriram-se machados exclusivamente de secção rectangular. Estes dois tipos de machados estão presentes em povoados calcolíticos da região de Setúbal: Rotura («possuímos exemplares que vão do tipo de secção redonda apenas com polimento no gume e parte superior áspera até ao tipo espalmado de forma e secção rectangulares⁽⁶⁴⁾) e Pedrão (somente o de secção rectangular)⁽⁶⁵⁾.

No Alto Alentejo, na região de Reguengos de Monsaraz, o machado pequeno de secção oval-circular e incompletamente polido apresenta grande longevidade. Assim, é assinalado⁽⁶⁶⁾ não só nos dólmenes mais antigos (Anta 1 do Poço da Gateira, Anta 2 dos Gorginos, Anta 1 das Vidigueiras, Anta 2 das Vidigueiras, Anta 3 de Gorginos) onde é quase exclusivo (na Anta 1 do Poço da Gateira exumou-se um machado de secção sub-trapezoidal), mas também em dólmenes mais evoluídos, ainda que ocorrendo em menor quantidade (Anta 1 da Farisoa, Anta Grande do Olival da Pega) e, mesmo,

(58) Leisner, V., 1965.

(59) Santos, M. C., Zbyszewski, G. e Veiga Ferreira, O. da, 1971.

(60) Monteiro, R., Zbyszewski, G. e Veiga Ferreira, O. da, 1971.

(61) Leisner, V., 1965.

(62) Leisner, V., 1965.

(63) Leisner, V., 1965.

(64) Tavares da Silva, C., 1967.

(65) Soares, J. e Tavares da Silva, 1975.

(66) Leisner, G. e V., 1951.

na **tholos** da Farisoa. Mais a Norte, no concelho de Évora, o «dolmen de cúpula» de Vale de Rodrigo forneceu machados somente de secção rectangular (67).

Sepulturas megalíticas de carácter muito primitivo como o dolmen da Colónia (Elvas), sem corredor, e Azinhal 3, pequena sepultura de planta fechada e oval da região de Coruche, forneceram machados de secção circular. Mas, em uma sepultura do mesmo tipo, de planta fechada, da região de Nisa (Caneiro) apareceu, juntamente com uma enxó, um machado incompletamente polido e de secção quadrangular (68).

Nas Beiras e outras províncias do Norte do País «predominam em todas as zonas dolménicas os machados de secção rectangular, alcançando, na Beira Alta, a percentagem de 95%». (69)

Em Monchique, os dois tipos de machados coexistem em sepulturas megalíticas cistoides.

Em face do exposto, e ainda que para ilacções mais seguras se torne indispensável um estudo exaustivo e sistemático do espólio em pedra polida até agora encontrado, parece-nos ser difícil estabelecer uma relação cronológica entre **esses** dois tipos de machados válida para todo o território. Talvez se ajuste mais aos dados recolhidos atribuímos as diferenças formais consideradas — secção circular-oval e secção rectangular-quadrangular — a facies culturais distintas; na Estremadura e em muitos pontos do Alto Alentejo, nomeadamente na região de Reguengos, o machado de secção circular-oval incompletamente polido parece ser o mais arcaico embora se tenha prolongado até aos alvares do Calcolítico.

- 48 — Machado de pedra polida. Contorno geral sub-triangular. Bordos convergentes e de diferentes comprimentos; o direito é ligeiramente convexo e o esquerdo rectilíneo. Talão arredondado. Bisel duplo convexo, ligeiramente assimétrico. Gume convexo, assimétrico em relação ao eixo longitudinal da peça. Secção transversal oval; secção longitudinal aproximadamente biconvexa. Polimento limitado ao gume e a uma pequena zona do talão. Flancos, bordos e talão picotados. Gume com vestígios de utilização (pequenas falhas localizadas especialmente na metade esquerda). Anfibolito cinzento-azeitona (5 Y 5/1). Compr. máx. (L) 91 mm.; larg. máx. (l) 50 mm.; esp. (e) máx. 35 mm.; $L/l = 1,8$; $l/e = 1,4$; $L/e = 2,6$; ângulo do gume (formado pelas faces do bisel): 70° ; peso 217 gr., Sector SE.; Q. 1 S., 3 E.. Inv. Pt/168.

Cerâmica

Os bordos recolhidos permitiram a reconstituição gráfica, parcial ou total, de 16 recipientes.

São as seguintes as formas presentes: **taça em calote de esfera** (8 exemplares), distinguindo-se as variantes **taça baixa** (2 exemplares), **taça média** (1 exemplar), **taça média-alta** com um curto e pouco pronunciado colo (1 exemplar), **taça alta/hemisférica**

(67) Leisner, G. e V., 1959.

(68) Leisner, G. e V., 1959.

(69) Leisner, G. e V., 1951, 49.

(4 exemplares); **esférico baixo, médio e alto** ⁽⁷⁰⁾, em geral com o bordo ligeiramente inclinado para o interior (5 exemplares); **globular** (1 exemplar); **taça de carena média** (1 exemplar); **taça de carena muito alta** ⁽⁷¹⁾ (1 exemplar). Descrevem-se ainda 3 exemplares de forma indeterminada, podendo um deles pertencer a uma taça carenada.

A maior parte dos bordos não possui espessamento (14 exemplares); 1 é afilado; 1 tem um leve espessamento externo de secção convexa e 2 são espessados internamente (secções triangular e sub-triangular).

O lábio é geralmente convexo (12 exemplares); plano em 3 e convexo-aplanado em outros 3.

Só um fragmento se apresentou decorado: decoração plástica formada por um pequeno mamilo hemisférico situado abaixo do bordo.

A orelha horizontal do fragmento n.º 67 deve ser considerada um elemento de prensão.

Tratamento da superfície externa: alisada com irregularidades ou simplesmente alisada em 9 exemplares e bem alisada apenas em 2; na do n.º 67 notam-se estrias de alisamento, largas e oblíquas. O tratamento da superfície interna é também predominantemente pouco apurado (9 exemplares: 2 com superfície mal alisado e irregular, 6 com superfície alisada e irregular e 1 com superfície simplesmente alisada); somente no n.º 50 é bem alisada e no n.º 65 muito bem alisada.

A pasta é compacta em 10 exemplares, com abundantes e. n. p. inferiores a 0,5 mm. e raros superiores a 1 mm.; semi-compacta em 3 (2 com escassos e. n. p. > 1 mm. e 1 com abundantes e.n.p. > 1 mm.); pouco compacta em 6 (2 com escassos e.n.p. > 0,5 mm., 2 com abundantes e.n.p. até 1 mm. e escassos > 1 mm. e 2 com abundante e.n.p. > 1 mm.). Podemos, pois, dizer que se trata de uma pasta em geral compacta e pouco grosseira.

Os e. n. p. são sobretudo de quartzo (observação macroscópica); é possível que no n.º 59 sejam de calcário e no n.º 67 de cerâmica pisada. Três exemplares têm finas partículas de mica.

A cor das superfícies é quase sempre média com manchas escuras e de matiz castanho-amarelado (YR). Assim: a superfície externa é média em 13 exemplares, muito escura em 3 e clara em 2 e castanho-amarelado (YR) em 14, avermelhada (R) em 3 e cinzenta (N) ou negra em 2; a superfície interna é média em 10 exemplares, muito escura em 6 e clara em 2 e castanho-amarelado (YR) em 12, cinzenta (N) ou negra em 5, avermelhada (R) em 2 e esverdeada (Y) em 1.

A fractura mostra normalmente uma espessa zona escura (12 exemplares), acinzentada ou negra, que pode ser: intermédia, ficando entre zonas superficiais acastanhadas ou avermelhadas mais claras (6 exemplares); superficial interna, sendo a zona superficial externa acastanhada ou avermelhada mais clara (5 exemplares); e, por fim, superficial externa (1 exemplar). Em 5 exemplares é totalmente negra ou cinzenta escura ainda que as superfícies, sem se manifestarem na fractura através de

(70) Taça baixa: $H \times 100/D \geq 20$ e < 30 ; taça média: ≥ 30 e < 40 ; taça alta: ≥ 40 e < 50 ; esférico baixo: ≥ 50 e < 60 ; esférico médio: ≥ 60 e < 80 ; esférico alto: ≥ 80 .

(71) Carena muito baixa: $\frac{hc \times 100}{H} \leq 25$; carena baixa: de 26 a 45; carena média: de 46 a 55; carena alta: de 56 a 75; carena muito alta: > 75 .

zonas superficiais, possam ser mais claras. Apenas em 1 exemplar a fractura é totalmente acastanhada. As zonas escuras são frequentemente cinzento-esverdeadas (Y). Tal como os vasos do interior da câmara e corredor, também os do **tumulus** parecem ter sido cozidos, de um modo geral, em ambiente semi-redutor (reductor durante quase todo o tempo de cozedura e oxidante na sua fase final).

Determinou-se a espessura (máxima) em 219 dos 228 fragmentos recolhidos :

mm.	V. N.	%
5	5	2,3
6	10	4,5
7	26	11,9
8	50	22,8
9	48	21,9
10	27	12,3
11	17	7,7
12	13	5,9
13	5	2,3
14	7	3,2
15	5	2,3
16	1	0,4
17	1	0,4
18	1	0,4
21	1	0,4
28	1	0,4
30	1	0,4
219		99,5

Verifica-se que predominam as paredes de espessura média (8-10 mm.) com 125 exemplares (57%), seguidas das espessas (11-15 mm.) com 47 (21,4%) e das finas (5-7 mm.) com 41 (18,7%); as muito espessas (> 16 mm.) estão muito mal representadas: 6 exemplares (2,7%). Ausentes, as muito finas (< 4 mm.).

Exceptuando os n.ºs 63, 64 e 67 (este último, pelas dimensões e tratamento da superfície assemelha-se a cerâmica de povoados do Bronze do Sudoeste recentemente descobertos na Área de Sines⁽⁷²⁾) os restantes vasos formam um conjunto que nos parece muito homogéneo, integrável numa fase evoluída da cultura megalítica e cujos paralelos

(72) Trabalhos dos autores no âmbito das actividades do Grupo de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines.

mais próximos podem ser encontrados nos espólios do Neolítico final das grutas naturais, artificiais e dólmene da Estremadura.

- 49 — Taça baixa em calote de esfera (fragmento). Bordo recto, muito inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies alisadas. Pasta compacta com abundantes e. n. p. (quartzo ?) até 0,5 mm. e escassos > 1 mm.. Presença de partículas de mica. Cor: superfícies castanho-avermelhadas (10 R 5/6); fractura com zonas superficiais da cor das superfícies e zona intermédia um pouco mais escura, castanho-esverdeada (5 Y 4/6). Diam. da boca **ca.** 320 mm.; H. **ca.** 70 mm.; esp. 9 - 11 mm.. Sector NW; Q. 8 N. 2W; C. 1. Inv. Pt/100.
- 50 — Taça baixa em calote de esfera (fragmento). Bordo vertical mas com mudança de direcção em relação à parede; ligeiro espessamento interno de secção sub-triangular; lábio plano. Superfície externa erodida; superfície interna bem alisada. Pasta compacta com abundantes e.n.p. até 0,5 mm. e escassos (de quartzo) > 1 mm.. Cor: superfície externa castanho-amarelada (10 YR 5/4) com manchas escuras (10 YR 2/2); superfície interna castanho-amarelada muito escuro, quase negra (10 YR 2/2); fractura com fina zona superficial externa da cor da respectiva superfície e espessa zona superficial interna negra. Diam. da boca **ca.** 220 mm.; H. **ca.** 45 mm.; esp. 9 - 11 mm. (fora do espessamento). Sector SW.; C.1. Inv. Pt/162.
- 51 — Taça média em calote de esfera (fragmento). Bordo recto e muito inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo-aplanado. Superfície externa alisada; superfície interna erodida. Pasta compacta com abundantes e.n.p. de quartzo até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies castanho-amareladas (10 YR 5/4) com manchas escuras (10 YR 2/2); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia negra. Diam. da boca **ca.** 280 mm.; H. **ca.** 100 mm.; esp. 9 - 10 mm.. Sector SW; C. 1. Inv. Pt/165.
- 52 — Taça alta em calote de esfera (fragmento). Bordo recto, inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies alisadas com irregularidades. Pasta compacta com abundantes e.n.p. até 0,5 mm. e escassos > 1 mm. (de quartzo). Cor: superfícies castanhas claras (5 YR 5/6) com manchas escuras castanho-amareladas (10 YR 4/2); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia castanho-esverdeada clara (5 Y 5/6) e escura (5 Y 3/6). Diam. da boca **ca.** 300 mm.; H. **ca.** 130 mm.; esp. 8 - 11 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/104.
- 53 — Taça média-alta em calote de esfera com um curto colo. Bordo ligeiramente reentrante, com mudança de direcção relativamente à parede; afilado; lábio convexo. Superfície externa alisada; superfície interna mal alisada e irregular. Pasta pouco compacta com raros elementos não plásticos $> 0,5$ mm.; abundantes partículas finíssimas de mica. Cor: superfície externa castanho-amarelada (10 YR 5/4), manchada de cinzento e alaranjado (10 R

6/6); superfície interna castanho-amarelada escura (10 YR 4/2) e muito escura (10 YR 2/2); fractura com zona superficial externa da cor da respectiva superfície e zona superficial interna da cor da superfície interna. Diam. da boca **ca.** 120 mm.; H. **ca.** 50 mm.; esp. 4-7 mm. Sector NW; Q. 2 N., 2 W.; C. 2 a. Inv. Pt/91.

- 54 — Taça alta em calote de esfera (fragmento). Bordo recto ligeiramente inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies alisadas, com irregularidades. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfície externa negra (N2) com manchas mais claras cinzento-esverdeadas (5 Y 4/1 e 5 Y 5/1); superfície interna castanho-amarelada (10 YR 5/4) com manchas mais escuras (10 YR 4/2); fractura com espessa zona superficial externa negra e fina zona superficial interna da cor da respectiva superfície. Diam. da boca **ca.** 140 mm.; H. **ca.** 65 mm.; esp. 5-8 mm. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/146.
- 55 — Taça hemisférica (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies erodidas. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies castanho-claras (5 YR 5/6); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia cinzento-esverdeada escura (aprox. 5 Y 3/4). Diam. da boca **ca.** 110 mm.; H. **ca.** 60 mm.; esp. 4-7 mm.. Sector NE.; C. 1. Inv. Pt/122.
- 56 — Taça hemisférica (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies alisadas, com irregularidades. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies castanho-avermelhadas (10 R 4/6) com manchas escuras; fractura totalmente negra. Diam. da boca **ca.** 200 mm.; H. **ca.** 110 mm.; esp. 6 mm.. Sector NE. Q. 1 N., 8 E.; C. 1. Inv. Pt/121.
- 57 — Vaso esférico baixo-médio (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo. Superfície externa alisada, com irregularidades; superfície interna erodida. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 0,5 mm. e escassos $> 0,5$ mm.; finíssimas partículas de mica. Cor: superfície externa castanha (5 YR 5/6) e castanho-amarelada (10 YR 5/4); superfície interna cinzento-esverdeada (5 Y 4/1); fractura com fina zona superficial externa da cor da respectiva superfície e espessa zona superficial interna cinzento-esverdeada (5 Y 4/1). Diam. **ca.** 160 mm.; H. **ca.** 115 mm.; esp. 6-8 mm.. Sector NW; C. 1. Inv. Pt/149.
- 58 — Vaso esférico médio (fragmento). Bordo recto ligeiramente inclinado para o interior, quase vertical, com espessamento interno de secção triangular; lábio plano. Superfícies erodidas. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: a cor primitiva das superfícies encontra-se muito alterada por agentes do meio; fractura totalmente negro-esverdeada (5 Y 2/1). Diam. da boca **ca.** 120 mm.; H. **ca.** 80 mm.; esp. 7 mm. (fora do espessamento). Sector NE.; C. 1; Inv. Pt/110.

- 59 — Esférico alto (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo-aplanado. Superfícies alisadas, com irregularidades. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (calcário ?) > 1 mm.. Cor: superfícies castanhas (5 YR 5/4) com manchas negras; fractura negra, sem zonas superficiais. Diam. da boca **ca** 140 mm.; H. **ca** 115 mm.; esp. 7-11 mm. Sector NE.; Q. 5 N., 7 E.; C. 1. Inv. Pt/131.
- 60 — Esférico alto (?) (fragmento). Bordo recto, vertical, sem espessamento; lábio convexo. Superfícies erodidas. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies castanhas (5 YR 5/6) com manchas escuras; fractura com fina zona superficial externa da cor da respectiva superfície e espessa zona superficial interna negra (a cor da superfície interna não se nota na fractura). Diam. da boca **ca** 160 mm.; esp. 6-7 mm. Sector NE.; C. 1. Inv. Pt/153.
- 61 — Esférico alto (fragmento). Bordo recto, ligeiramente inclinado para o interior, quase vertical, com um leve espessamento externo de secção convexa; lábio convexo. Superfícies erodidas. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo ?) até 0,5 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies castanho-amareladas claras (10 YR 6/4) e castanhas (5 YR 5/6). Fractura castanho-amarelada mais escura que as superfícies (10 YR 4/2) (a cor das superfícies não se manifesta na fractura). Diam. da boca **ca** 140 mm.; esp. 5-6 mm. Sector NW.; Q. 5 N., 1 W.; C. 2 a. Inv. Pt/98.
- 62 — Globular (fragmento). Bordo recto muito inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo. Superfície externa erodida; superfície interna alisada e irregular. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 0,5 mm. e escassos > 1 mm.; presença (?) de finíssimas partículas de mica. Cor: superfícies castanhas (5 YR 5/6); fractura com zonas superficiais da cor das superfícies e zona intermédia cinzento-esverdeada (5 Y 5/2). Diam. da boca **ca** 110 mm.; esp. 5-7 mm.. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/139.
- 63 — Taça de carena muito alta (fragmento). Bordo recto, inclinado para o interior, sem espessamento; lábio convexo. Superfície externa bem alisada; superfície interna erodida. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. até 0,5 mm. e escassos $> 0,5$ mm.. Cor: superfície externa castanho-amarelada (10 YR 5/4) e castanha (5 YR 5/6) com manchas escuras (5 YR 3/2); superfície interna negra; fractura com fina zona superficial externa da cor da respectiva superfície e espessa zona superficial interna negra. Diam. da boca **ca** 140 mm.; esp. 5-6 mm.. Sector SE.; Q. 7 S., 8 E.; C. 2 a. Inv. Pt/103.
- 64 — Taça de carena média (fragmento). Bordo recto, inclinado para o interior sem espessamento; lábio convexo. Superfície externa bem alisada; superfície interna alisada, com irregularidades. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo ?) até 0,5 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies e fractura castanho-amareladas, muito escuras, quase negras (10 YR 2/2).

Diam. da boca **ca.** 90 mm.; H. **ca.** 60 mm.; esp. 5-6 mm. Sector SE.; C. 1. Inv. Pt/108.

- 65 — Vaso carenado (?) de parede superior côncava (fragmento). Bordo recto ligeiramente inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio aplanado. Superfície externa erodida; superfície interna muito bem alisada. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm.. Cor: superfície externa castanho-avermelhada (10 R 5/6) e castanho-amarelada (10 YR 5/4); superfície interna negra; fractura com zonas superficiais castanho-avermelhadas (10 R 5/6) e zona intermédia cinzento-esverdeada (5 Y 3/2 e 5 Y 4/2). Diam. da boca **ca.** 150 mm.; esp. 6-7 mm. Sector NW.; C. 1. Inv. Pt/101 e Pt/144.
- 66 — Forma indeterminada (fragmento). Bordo recto inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo. Mamilo hemisférico, cerca de 10 mm. abaixo do lábio. Superfícies erodidas. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.. Cor: superfícies e fractura negras. Esp. 5-7 mm.. Sector NE.; C. 1. Inv. Pt/152.
- 67 — Forma indeterminada (fragmento sem bordo). Orelha de prensão horizontal. Superfície externa alisada, com irregularidades e largas estrias oblíquas resultantes do alisamento; superfície interna mal alisada e irregular. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. de quartzo até 1 mm. e abundantes e.n.p. de cerâmica (?) pisada > 1 mm.. Cor: superfície externa castanho-amarelada clara (10 YR 6/4) com manchas castanho-acinzentadas (5 YR 3/2) e castanhas muito escuras quase negras (5 YR 2/2); superfície interna castanho-amarelada clara (10 YR 6/4) e cinzenta escura (N3); fractura com manchas castanho-amareladas (10 YR 5/4), castanho-avermelhadas (10 R 5/6) e cinzentas. Diam do bojo **ca.** 310 mm.; esp. 18 mm.. Sector SE.; Q. 8 S., 3 E.; C. 2 a. Inv. Pt/166.

Utensílios metálicos

A C. 1 do **tumulus** forneceu dois fragmentos de instrumentos metálicos em cobre/bronze: um cinzel e um machado plano (?).

Estas duas peças estão em desacordo com a cronologia a que corresponde o contexto formado pelos materiais do interior da sepultura. Parecem indicar uma reocupação do local durante o Cobre pleno ou, muito provavelmente, na Idade do Bronze. Os machados planos bem como os cinzéis do tipo do da Palhota surgem no Calcolítico da Estremadura (Vila Nova de S. Pedro⁽⁷³⁾). Os machados planos ocorrem também no Horizonte de Ferradeira⁽⁷⁴⁾. Prolongam-se, ambos os instrumentos, pela Idade do Bronze.

- 68 — Cinzel em cobre/bronze (fragmento com a extremidade distal). Secção

(73) Paço, Afonso do, 1964.

(74) Schubart, Hermanfried, 1971.

transversal rectangular. Bisel duplo ligeiramente assimétrico ; gume convexo. Compr. actual 20 mm. ; larg. 5 mm. ; esp. 5,5 mm.. Sector NW ; Q. 1 N., 2 W. ; C. 1. Inv. Pt/169.

- 69 — Fragmento da extremidade proximal (talão) de um machado (?) plano em cobre/bronze. Compr. actual 40 mm. ; larg. actual 34 mm. ; esp. 5 mm.. Sector SE. ; C. 1. Inv. Pt/170.

Objecto de carácter religioso (?)

Uma pequena placa de xisto de contorno trapezoidal, não perfurada e sem decoração, pode, talvez, ser considerada um objecto de carácter religioso afim, por um lado, das placas de xisto gravadas e, por outro, de placas lisas da cultura de Almeria.

- 70 — Placa de contorno trapezoidal, fragmentada em parte da base maior. Vértices da base menor arredondados. Secção transversal sub-rectangular. Não decorada e sem orifício de suspensão. Xisto cinzento escuro. 55x38x4 mm.. Sector SE. C. 1. Inv. Pt/135.

CONCLUSÕES

1. O espólio do interior da sepultura megalítica da Palhota, no seu conjunto muito homogêneo (associação de geométricos à ponta de seta de base em lingueta e a contas discoides em xisto, elevada frequência de geométricos, ausência da ponta de seta de base côncava/recta e presença de cerâmica atribuível a uma fase evoluida da cultura megalítica) parece corresponder a um prolongamento para Sul do Neolítico final da Estremadura ⁽⁷⁵⁾, cultura resultante da interacção de influências provenientes, por um lado, do Alto Alentejo, e, por outro, do Sudeste espanhol e tendo por substrato o património cultural das populações autóctones. Na Lapa do Fumo obteve-se uma datação absoluta para um estrato deste horizonte : 3 090 + 160 a. C..
2. A câmara e o corredor apresentam uma planta pouco comum no megalitismo português. O melhor paralelo que conhecemos é o monumento megalítico da Cabecinha, situado nos arredores da Figueira da Foz e que faz parte de um contexto megalítico muito semelhante ao da região de Lisboa, «afastando-se da arquitectura dos monumentos da cultura dolménica portuguesa» e «aproximando-se da do Sudeste espanhol» ⁽⁷⁶⁾.

No Sudeste peninsular identificaram-se, com efeito, monumentos de câmara rectangular ou sub-trapezoidal muito semelhantes ao da Palhota. Surgiram em Almeria e na zona periférica do epicentro dessa cultura neolítica ⁽⁷⁷⁾. Os mais notáveis, pelas suas afinidades, são os de Beatón, Totana, Alamedilha, Sene, Huéchar Alhama e Alhama la Seca ⁽⁷⁸⁾; a sua construção teria ocorrido no momento de transição da segunda para a terceira fase da cultura de Almeria ⁽⁷⁹⁾. O espólio que neles foi exumado é, de um modo geral, arcaizante, com geométricos, pontas de seta de base pendunculada, placa de xisto sub-rectangular não decorada.

3. A câmara rectangular parece-nos ser, pelo menos na região de Melides, mais primitiva do que a câmara poligonal. Esta ilacção ressalta da comparação entre a Palhota e a Pedra Branca. Este último dolmen, situado apenas a cerca de 700 metros do primeiro, forneceu espólio (referimo-nos, como é evidente, ao do estrato inferior) que, embora caiba igualmente no mesmo complexo cultural, assume um carácter

(75) Soares, J. et Tavares da Silva, C., 1974, 39.

(76) Guerra, A. V. e Veiga Ferreira, O. da, 1968 - 70.

(77) Savory, H. N., 1969, 95 e 96.

(78) Leisner, G. e V., 1943, Tafel 34.

(79) Leisner, G., 1945.

um pouco mais tardio⁽⁸⁰⁾; exclusividade da ponta de seta de base côncava/recta, baixa frequência relativa de geométricos, abundantes placas gravadas de xisto.

Teríamos, assim, como hipótese de trabalho baseada na «estratigrafia horizontal» que estes dois dólmenes constituem, dois estágios bem diferenciados do Neolítico final da região de Melides:

— O mais antigo (Palhota) seria caracterizado por marcada influência almeriense;

— O superior (Pedra Branca), manifestado através da câmara poligonal, da abundância de placas de xisto gravadas e de pontas de seta de base côncava, corresponderia a um avançado grau de fusão das influências almerienses e autóctones com as da cultura megalítica do Alto Alentejo que, no seu apogeu, se teria sobreposto àquelas.

4. A estrutura tumular da Palhota, com uma cintura de pedras em contacto com os esteios e duas coroas de blocos concêntricas, representa um dos aspectos mais interessantes revelados pela escavação deste monumento. Contudo, pouco poderemos dizer acerca do seu significado cronológico e cultural pois são quase nulos os paralelos que possuímos. Infelizmente, os estudiosos do nosso megalitismo raríssimas vezes se têm preocupado, mesmo nos últimos anos, com o conhecimento da arquitectura dos **tumuli** a qual é, quanto a nós, tão importante como a da sepultura propriamente dita (câmara e corredor) para a compreensão do monumento na sua totalidade. É imprescindível que as futuras escavações de monumentos megalíticos sejam realizadas em extensão, de modo a abrangerem as áreas tumulares. Teria o maior interesse, para um melhor enquadramento crono-corológico da Palhota, a escavação do **tumulus** do dolmen da Pedra Branca.

O valor do diâmetro do **tumulus** da Palhota (cerca de 14,60 metros) é comparável ao observado em **tumuli** de Reguengos⁽⁸²⁾: Anta 1 de Gorginos com 13x16 m., Anta 1 das Vidigueiras com 13 m., Anta 1 do Cebolinho com 15 m.. Em Reguengos, o maior diâmetro foi encontrado em antas de corredor comprido: 20 m na Anta 1 dos Piteiros e 22 m. na Anta 12 das Areias.

Nas antas de Reguengos, como na da Palhota, o centro da câmara megalítica coincide com o centro do **tumulus** e muito raramente o corredor atinge a orla do **tumulus**: «é mais frequente a porta exterior do corredor ficar retirada da orla para o interior do **tumulus**»⁽⁸³⁾.

Verificou-se ainda em algumas antas de Reguengos, sobretudo nas mais primitivas que «o conteúdo das câmaras consistia, totalmente ou apenas nas camadas inferiores, em um barro amarelo, diferente dos terrenos adjacentes»⁽⁸⁴⁾. Este facto, também assinalado na Palhota (C.2, de barro vermelho), levou G. e V. Leisner a suporem que essa «terra barrenta» seria proveniente do **tumulus** onde, certamente, teria sido intencionalmente colocada quando da sua construção. A Palhota mostrou precisamente que entre os blocos das estruturas do **tumulus** e nos espaços compreen-

(80) Veiga Ferreira, O. da. e al, 1975.

(81) Tavares da Silva, C., 1971.

(82) Leisner, G. e V., 1951, 30-31.

(83) Leisner, G. e V., 1951, 31.

(84) Leisner, G. e V., 1951, 32.

didos entre essas mesmas estruturas existia areia argilosa estranha ao local da local da construção do monumento e muito à da **C.2** do interior da câmara e do corredor.

A escavação da Anta da Velada das Éguas (Évora) revelou a «existência de uma pequena cintura de pedra logo junto dos esteios»⁽⁸⁵⁾ e de uma coroa de blocos periférica com o raio de 7 a 10 m. contados a partir do centro da câmara. A estrutura do **tumulus** da Palhota distingue-se da do **tumulus** da Velada das Éguas pelo facto do nosso monumento possuir duas coroas de blocos além da «cintura de pedras» que contacta directamente com os esteios da câmara.

5. São igualmente escassos os paralelos que possuímos quanto à presença de espólio na área do **tumulus**. Só após um maior número de observações em **tumuli** futuramente escavados será possível avaliar do carácter presumivelmente ritual que o abundante espólio do **tumulus** da Palhota pode revestir. Não queremos deixar de fazer alusão ao monumento da Lomba do Canho — não obstante a distância que o separa da Palhota — cuja escavação⁽⁸⁶⁾ mostrou claramente ter havido a deposição de espólio no seio da estrutura tumular.
6. Por último chamamos a atenção para o reduzido número de tumulações (5 no máximo) da Palhota em flagrante contraste com o número das da Pedra Branca (cerca de 65). Pensamos ser muito importante a investigação do significado desta diferença, talvez relacionada com transformações da estrutura social, do modo de produção.

(85) Pina, H. L. e Galopim de Carvalho, M., 1962.

(86) Castro Nunes, J. de, 1974.

R É S U M É

Le monument mégalithique de Palhota se situe à environ 6 Kilomètres du littoral, près de Melides, sur le territoire de la commune de Santiago do Cacém (S. Francisco da Serra). Il occupe un plateau à une cinquantaine de mètres au-dessus de la rivière de Cascalheira. La région montre partout des traces importantes d'occupation préhistorique : Néolithique de Tradition Ancienne, Néolithique Final, Calcolithique Moyen, Horizon Campaniforme, Bronze du S.W..

Le dolmen de Palhota possède une chambre rectangulaire /trapézoïdale (2,20x2 m) partiellement détruite et un couloir étroit et bien dégagé (3,20x0,80 m). L'ensemble est entouré d'un **tumulus** s'arrêtant à l'entrée du couloir. Celui-ci se compose d'une ceinture de gros blocs appuyés aux dalles de la chambre et du début du couloir ; et de deux cercles concentriques de pierres mesurant respectivement 7-8 m et 14,60 m de diamètre.

L'orientation du monument est à peu près Est-Sud-Est/Ouest-Nord-Ouest. Sur le plan architectural ce type de tombe n'est pas très fréquent dans le mégalithisme portugais. Son parallèle le plus évident est le monument mégalithique de Cabecinha (Figueira da Foz), qui est semblable aux mégalithes de la région de Lisboa, s'éloignant de l'architecture des monuments dolméniques du Haut-Alentejo et s'approchant de celle du SE Espagnol. En effet, des monuments de chambre rectangulaire ou trapézoïdale (Beatón, Totana, Alamedilha, Sene, Huéchar Alhama, Alhama la Seca) très semblables à celui de Palhota ont été identifiés dans le SE péninsulaire. Leur construction a eu lieu à un moment de transition entre la 2ème et la 3ème phase de la culture de Almería.

Les vestiges anthropologiques et le mobilier trouvé à l'intérieur de la tombe semblent révéler la présence de 5 inhumations (3 dans la chambre et 2 dans le couloir). Parmi le mobilier on doit remarquer l'abondance de géométriques (triangles et trapèzes), la rareté des pointes de flèche, représentées par un seul exemplaire à pédoncule et ailerons, la présence de perles rondes et plates en schiste et de vases céramiques du type bol à fond rond ainsi qu'une tasse carénée. Ce matériel forme un ensemble très homogène s'intégrant dans le Néolithique Final de l'Estremadura, culture résultant de la fusion d'influences provenant du Haut-Alentejo d'un côté, et de l'autre du SE Espagnol et ayant comme substratum le patrimoine culturel des populations indigènes. À Lapa do Fumo on a obtenu une datation absolue pour un niveau de cette culture: 3090 ± 160 a.C.

La fouille du **tumulus** a révélé un abondant matériel lithique et céramique, semblable à celui de l'intérieur de la sépulture, et qui n'était pas distribué d'une façon uniforme: en ce qui concerne la céramique on constate une grande concentration dans le secteur

SE, justement celui qui appartient à l'entrée du monument. Dans le tumulus on a aussi trouvé 3 tessons de céramique, un ciseau et une hache plate en cuivre appartenant probablement à l'Âge du Bronze.

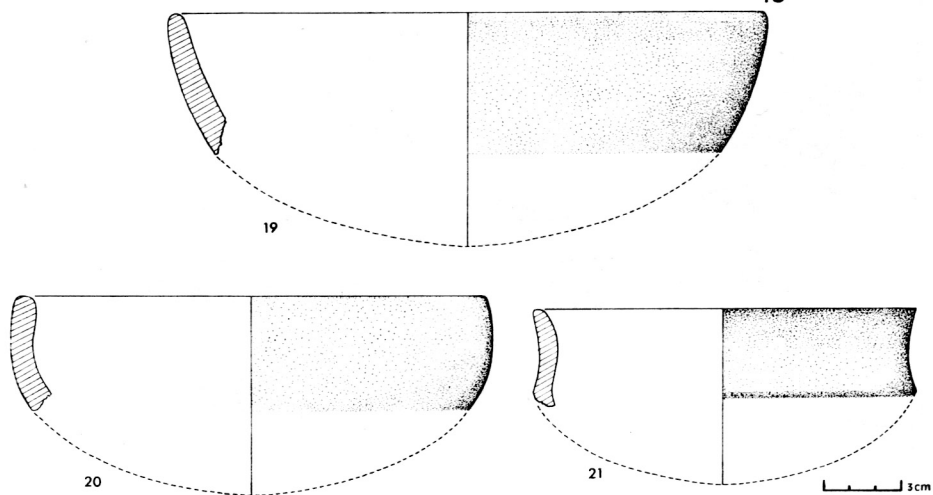
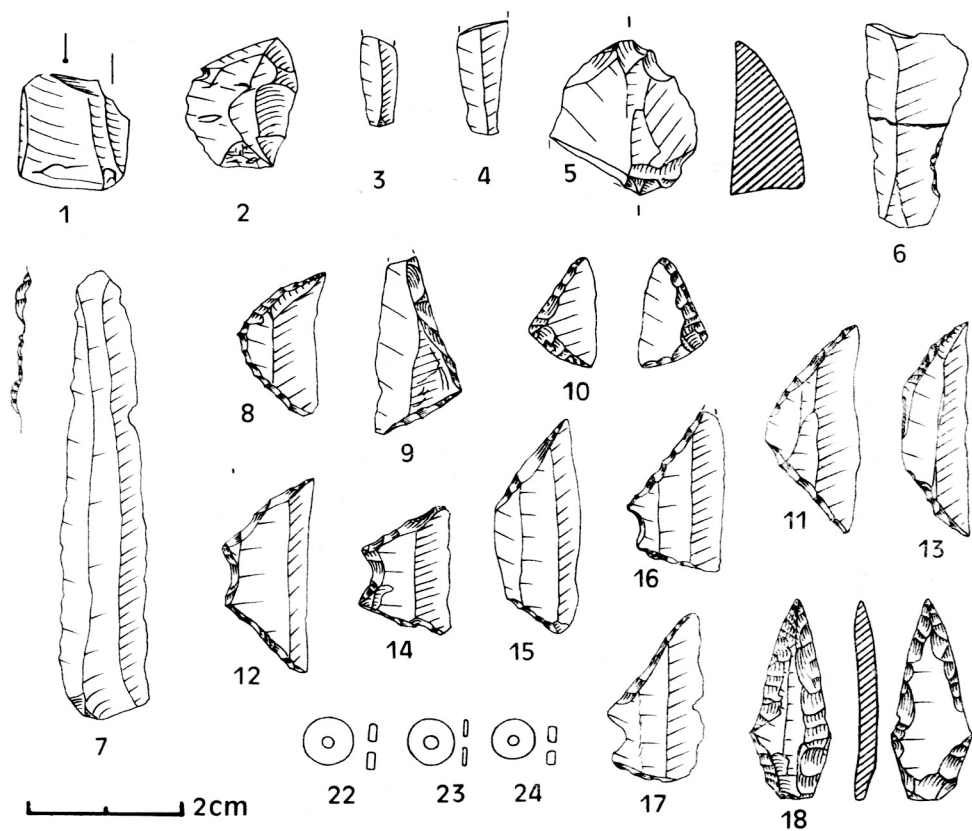
En ce qui concerne les dolmens à couloir, tout au moins dans la région de Melides, la chambre rectangulaire nous semble plus ancienne que la chambre polygonale. Cette conclusion se base sur la «stratigraphie horizontale» qu'on peut observer en comparant le dolmen de Palhota au niveau inférieur du dolmen de Pedra Branca à 700 mètres au Nord de Palhota et qui a fourni un mobilier un peu plus tardif : exclusivité de pointes de flèche de base rectiligne/concave, une relativement faible fréquence de géométriques et d'abondantes plaques de schiste gravées. Ainsi, on peu distinguer dans la région de Melides deux stages au Néolithique Final :

- le plus ancien (Palhota) se caractérise par une influence almérienne accentuée ;
- le supérieur (Pedra Branca-niveau inférieur de la chambre) correspond à un degré évolué de fusion d'influences almériennes et indigènes avec celles de la phase d'apogée du mégalithisme du Haut-Alentejo (chambre polygonale).

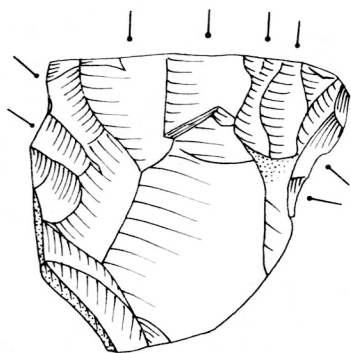
BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. J., 1973 «Los idolos del Bronce I Hispano», *Bibliotheca Prehistorica Hispana*, XII, Madrid.
- BELO, R., TRINDADE, L. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1961, **Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras)**, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», XLV, Lisboa.
- CASTRO NUNES, J. de, 1974, «Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva», Universidade de Luanda, Sá da Bandeira.
- CUNHA SERRÃO, E. da e MARQUES, G., 1971, **Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo Sesimbra**, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.
- FARINHA DOS SANTOS, M. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1969, **O monumento eneolítico de Santiago do Escoural**, «O Arqueólogo Português», III (S. III), Lisboa.
- FURTADO, A., MAURICIO, A. da S., CORTES, V. e MONTEIRO, J. de A., 1969, **Lapa do Suão Bombaral**, «O Arqueólogo Português», III (S. III), Lisboa.
- GALLAY, G., SPINDLER, K., TRINDADE, L. e VEIGA FERREIRA, O. da., 1973, «O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)», Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GUERRA, A. V. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1968 - 70, **Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores da Figueira da Foz**, «Arquivo de Beja», XXV - XXVI - XXVII.
- LEISNER, G., 1945, **A cultura eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal**, «Arqueologia e História», I (S. 8.), Lisboa.
- LEISNER, G. e V., 1943, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, 1. Teil : Der Süden», *Römisch-Germanische Forschungen*, 17, Berlin.
- 1951, «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz», Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.
- 1959, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen. 2», *Madri der Forschungen* 1, 2, Berlin.
- LEISNER, V., 1965, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen. 3», *Madri der Forschungen* 1, 3, Berlin.
- LEROI-GOURHAN, A. et BRÉZILLON, M., 1972, «Fouilles de Pincevent. Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien (La Section 36)», Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.
- MONTEIRO, R., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da., 1971, **Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Sesimbra)**, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.
- PAÇO, A. do, 1964, **Castro de Vila Nova de S. Pedro**, «Anais da Academia Portuguesa da História», 14 (S. II), Lisboa.
- PINA, H. L. e GALOPIM DE CARVALHO, A. M., 1962, **A Anta da Velada das Éguas (Barrocal - Évora)**, «Boletim da Junta Distrital de Évora», 2, Évora.
- RUIZ SOLANES, J., 1973, **Para el estudio estadístico de los sepulcros megalíticos**, «XII Congresso Nacional de Arqueologia», Zaragoza.
- SANTOS, M. C., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da, 1971, **A gruta pré-histórica das Alcobertas**, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», I, Coimbra.

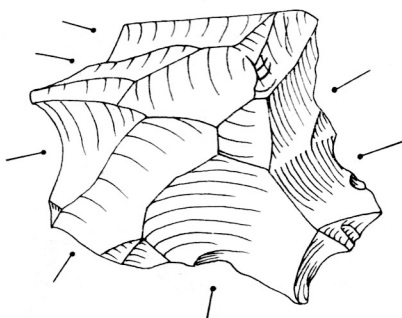
- SAVORY, H. N., 1969, «Espanha e Portugal», Ed. Verbo, Lisboa.
- SCHUBART, H., 1971, **O Horizonte de Ferradeira**, «Revista de Guimarães», LXXXI, 3 - 4, Guimarães.
- SOARES, J. et TAVARES DA SILVA, C., 1974, **La poterie prehistorique de l'âge de la pierre polie à l'âge du bronze**, «Les dossiers de l'Archéologie», 4, Paris.
- 1975, **A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal**, «Setúbal Arqueológica», I, Setúbal.
- TAVARES DA SILVA, C., 1967, **O povoado pré-histórico da Rotura (Nova contribuição para o seu estudo)**, «O Arquivo de Beja», XXJII - XXIV, Beja.
- 1971, **O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica**, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», 1, Coimbra.
- VEIGA FERREIRA, O. da, ZBYSZEWSKI G., LEITÃO, M., NORTH, C. T. et REYNOLDS DE SOUSA, H., 1975, **Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides)**, «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», LIX, Lisboa.



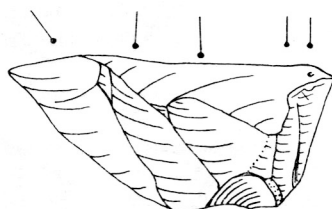
Espólio da C.2 da câmara e do corredor.



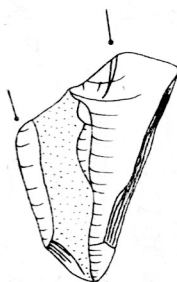
25



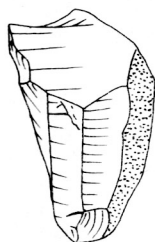
26



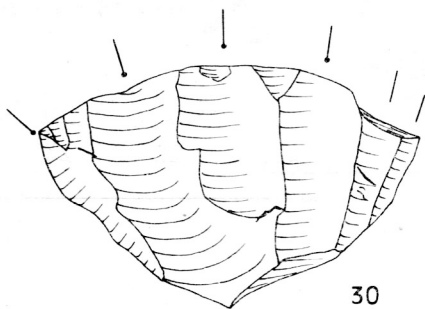
27



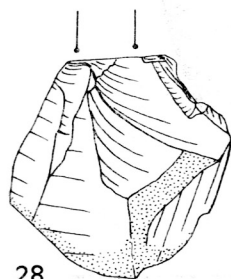
28



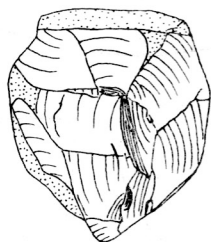
29



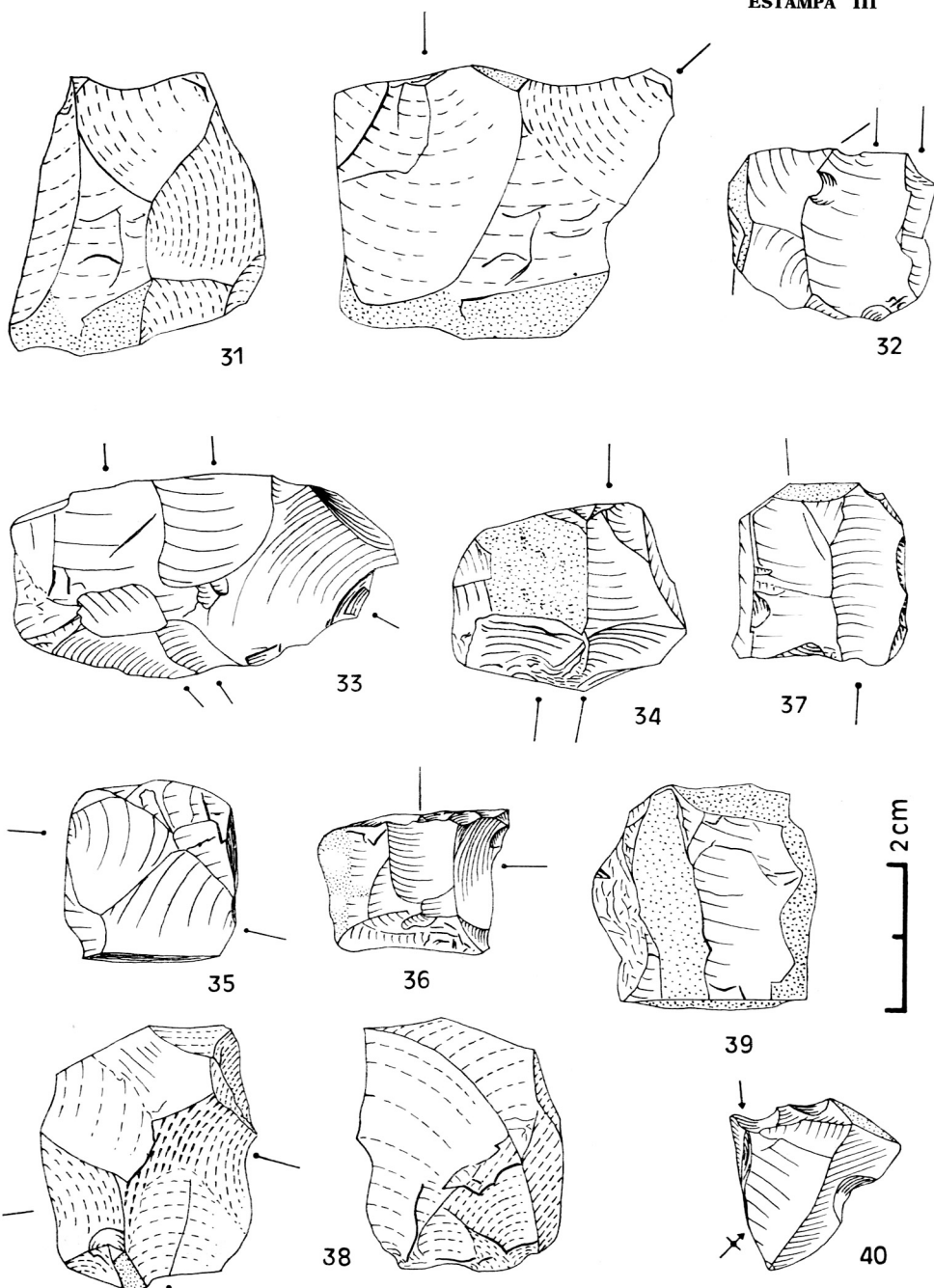
30



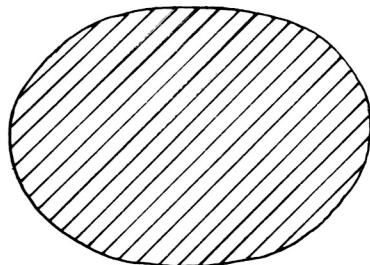
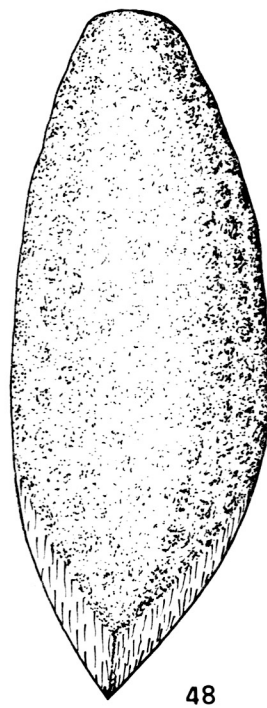
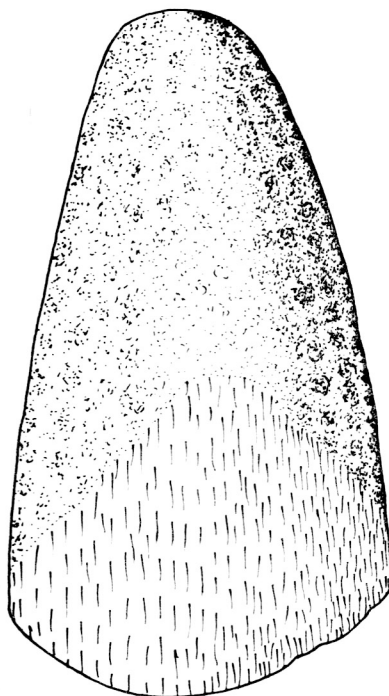
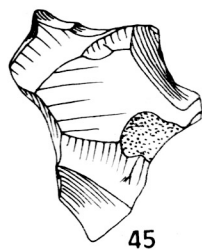
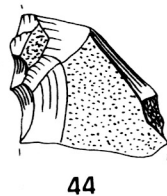
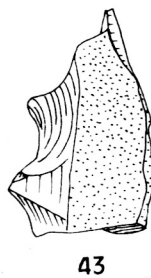
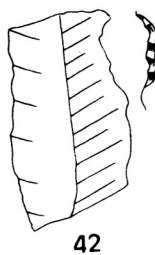
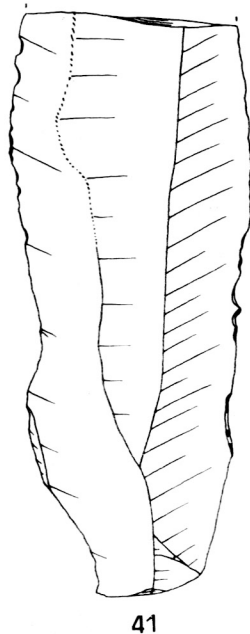
2 cm



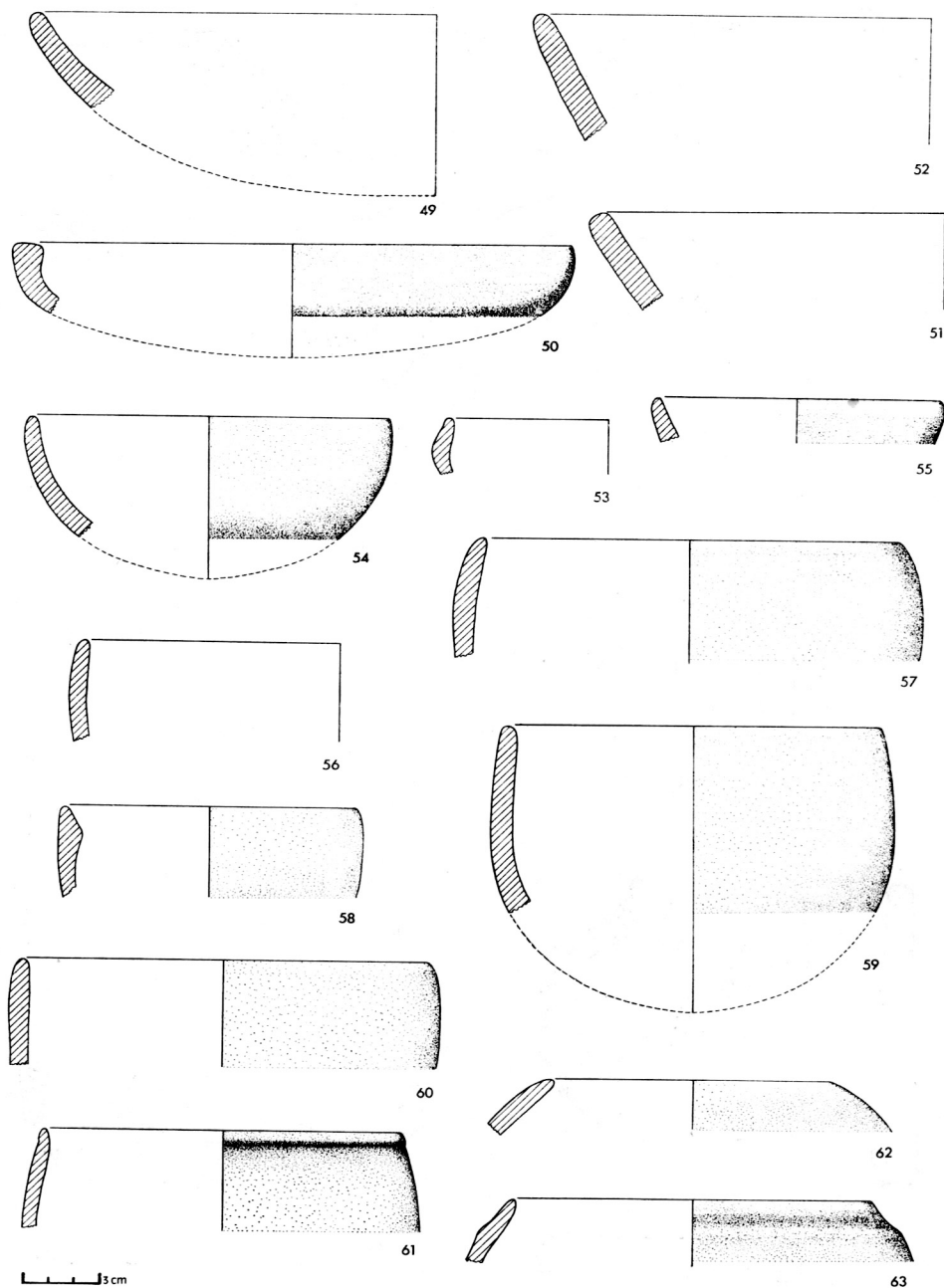
Material lítico da área do **tumulus**. São assinalados apenas os «levantamentos» mais importantes.



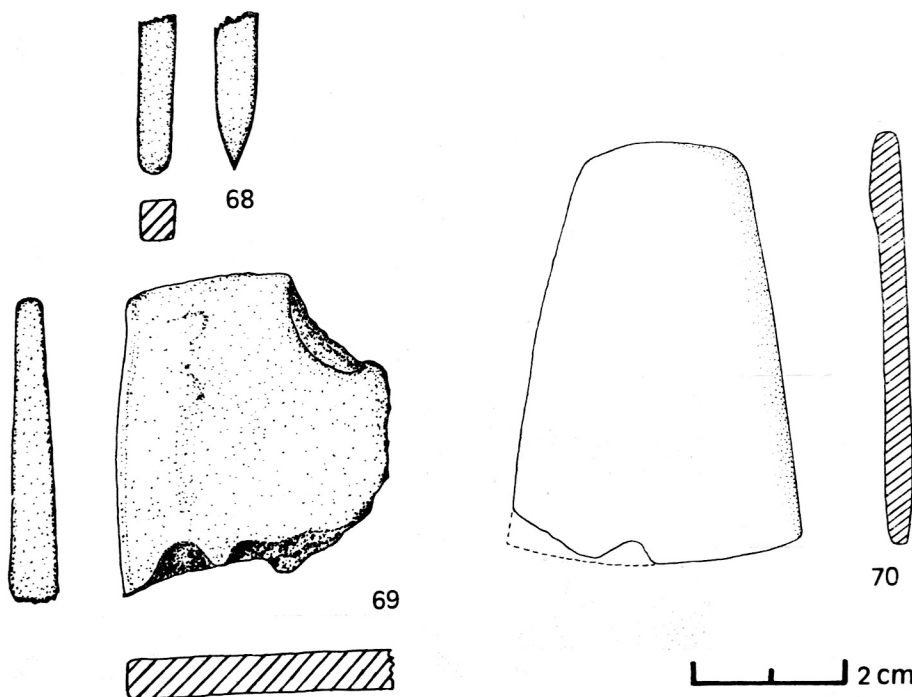
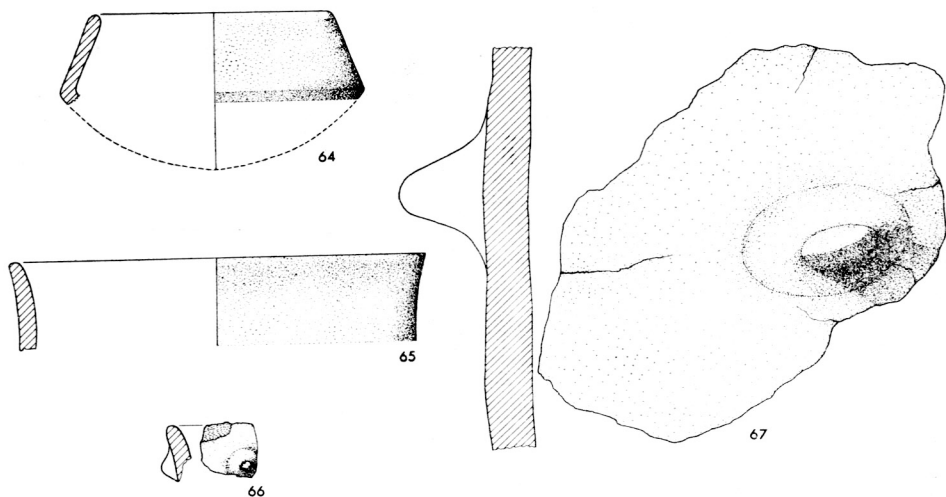
Material lítico da área do **tumulus**. São assinalados apenas os «levantamentos» mais importantes.



2 cm



Cerâmica da área do tumulus



Cerâmica, objectos metálicos (68 e 69) e placa de xisto (70), da área do tumulus.